

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
***CAMPUS* ERECHIM**
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

EMANUELE CRISTINA PADILHA SAURIN

**REFLEXÕES ACERCA DOS CARTAZES DE RECRUTAMENTO FEMININO
DURANTE A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL: UM ESTUDO COMPARATIVO
ENTRE REINO UNIDO E ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA**

ERECHIM

2024

EMANUELE CRISTINA PADILHA SAURIN

**REFLEXÕES ACERCA DOS CARTAZES DE RECRUTAMENTO FEMININO
DURANTE A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL: UM ESTUDO COMPARATIVO
ENTRE REINO UNIDO E ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de licenciada em história.

Orientador: Prof. Dr. Gérson Wasen Fraga

ERECHIM

2024

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Saurin, Emanuele Cristina Padilha
Reflexões acerca dos cartazes de recrutamento
feminino durante a Primeira Guerra Mundial: Um estudo
comparativo entre Reino Unido e Estados Unidos da
América / Emanuele Cristina Padilha Saurin. -- 2024.
51 f.:il.

Orientador: Gérson Wasen Fraga

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em História, Erechim,RS, 2024.

1. Primeira Guerra Mundial. 2. Mulheres. 3. Cartazes.
4. EUA. 5. Reino Unido. I. Fraga, Gérson Wasen, orient.
II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

EMANUELE CRISTINA PADILHA SAURIN

**REFLEXÕES ACERCA DOS CARTAZES DE RECRUTAMENTO FEMININO
DURANTE A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL: UM ESTUDO COMPARATIVO
ENTRE REINO UNIDO E ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de licenciada em história.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 09/07/2024

Documento assinado digitalmente
 **GERSON WASEN FRAGA**
Data: 22/07/2024 11:25:00-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Gérson Wasen Fraga - UFFS

Orientador

Documento assinado digitalmente
 **NATALIA PIETRA MENDEZ**
Data: 25/07/2024 21:32:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Natália Pietra Méndez – UFRGS

Avaliadora

Documento assinado digitalmente
 **DANIELA PAIVA YABETA DE MORAES**
Data: 23/07/2024 17:45:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Daniela Paiva Yabeta de Moraes – UFFS

Avaliadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, por todo o apoio recebido durante minha trajetória. Ao meu companheiro de vida, que sempre esteve presente e incentivou minha jornada acadêmica. Aos professores e professoras, pelos inestimáveis conhecimentos. Em especial, ao meu orientador, por acompanhar essa caminhada. À Universidade Federal da Fronteira Sul, por proporcionar a oportunidade da primeira pessoa em longas gerações familiares a acessar o ensino superior de forma pública, gratuita e de qualidade.

RESUMO

A presente pesquisa trata da análise e contextualização de cartazes voltados ao público feminino que circularam durante a conjuntura da Primeira Guerra Mundial. O recorte espacial de investigação delimitou-se às nações dos Estados Unidos da América e do Reino Unido, por conta das similaridades que envolveram os processos de recrutamento desses países ao longo do período estipulado entre 1914 e 1918. Com isso, buscou-se abordar tais itens iconográficos enquanto produtos culturais que expressam valores e simbologias, bem como instrumentos de divulgação que carregam consigo estratégias apelativas de persuasão. Ademais, discutiu-se a presença e participação feminina na sociedade, sobretudo acerca das atuações e mobilizações das mulheres no desenrolar dessa temporalidade. Nessa perspectiva, também foram pensadas questões de gênero que se entrelaçam profundamente com as temáticas levantadas no decorrer desse estudo. Para tanto, a partir das fontes selecionadas, desenvolveram-se linhas de reflexão associadas aos principais chamados cívico-militares atribuídos ao público feminino no cenário bélico. Percebeu-se, portanto, que o cartaz foi uma ferramenta amplamente utilizada durante a Grande Guerra para convocar as mulheres na tentativa de convencê-las a contribuírem com os interesses nacionais. Além disso, foi possível constatar que as mulheres experienciaram novos papéis e atuaram em várias frentes ao longo desse contexto.

PALAVRAS CHAVES: Primeira Guerra Mundial; Mulheres; Cartazes; EUA; Reino Unido.

ABSTRACT

This research deals with the analysis and contextualization of posters aimed at women that circulated during the First World War. The spatial scope of investigation was limited to the nations of the United States of America and the United Kingdom, due to the similarities that involved the recruitment processes of these countries throughout the stipulated period between 1914 and 1918. With this, we sought to address such iconographic items as cultural products that express values and symbolism, as well as dissemination instruments that carry appealing persuasion strategies. Furthermore, the presence and participation of women in society was discussed, especially regarding the actions and mobilizations of women throughout this period. From this perspective, gender issues were also considered, which are deeply intertwined with the themes raised during this study. To this end, based on the selected sources, lines of reflection were developed associated with the main civic-military calls attributed to the female public in the military scenario. It was therefore clear that the poster was a tool widely used during the Great War to call on women in an attempt to convince them to contribute to national interests. Furthermore, it was possible to verify that women experienced new roles and acted on several fronts throughout this context.

KEYWORDS: *World War I; Women's; Posters; USA; UK.*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Acorde, América!.....	26
Figura 2: Você está nessa?.....	26
Figura 3: Aprenda a fazer munições.....	29
Figura 4: <i>Y.W.C.A.</i>	29
Figura 5: Segunda linha de defesa.....	29
Figura 6: <i>W.L.A.</i>	35
Figura 7: <i>W.L.A.A.</i>	35
Figura 8: Até os garotos voltarem.....	38
Figura 9: A maior mãe do mundo.....	40
Figura 10: Seu país precisa de você.....	40
Figura 11: <i>Q.M.A.A.C.</i>	43
Figura 12: <i>W.A.A.C.</i>	43
Figura 13: “Serviço patriótico para mulheres britânicas”.....	44
Figura 14: Força Aérea Real Feminina.....	44

SUMÁRIO

Considerações Iniciais	8
1. Contextualização Histórica	11
1.1. Nas origens do conflito: O século XIX e a primeira década do XX.....	11
1.2. Breve Esboço da Primeira Guerra Mundial	18
2. A guerra em cartaz: Imagens e História	24
2.1. Iconografia política e propaganda de guerra.....	26
3. Retratos femininos da Grande Guerra	28
3.1. A indústria de guerra	28
3.2. Racionamento de alimentos e o “Exército Terrestre”.....	34
3.2. Mulheres e o serviço militar.....	40
Considerações Finais	46
Referências	48
Fontes	50

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao longo de diferentes temporalidades as historicidades e experiências femininas, suas subjetividades, identidades, trajetórias, vozes e perspectivas históricas foram profundamente silenciadas, invisibilizadas e negligenciadas. Foi somente durante a segunda metade do século XX, sobretudo a partir das efervescências e movimentos populares da década de 1960, logo após a historiografia passar por um prolongado momento de renovações influenciado pela emergência de correntes e tendências da primeira metade do século, que novos campos de pesquisa na área atentaram-se a conduzir estudos tratando de temáticas relacionadas a outros grupos sociais até então frequentemente excluídos dos interesses históricos. Além disso, nesse período, alinham-se a essas transformações novos estágios da luta feminista que sem dúvidas contribuíram para os caminhos de desenvolvimento dos campos de análise sobre a *História das Mulheres* e das *Relações de Gênero*, noções popularizadas principalmente no decorrer dos anos 1970/80 e que foram responsáveis por produzir impactos significativos na estruturação de canais de empoderamento, reconhecimento, protagonismo e representatividade feminina bem como por ampliar debates, desconstruções e desnaturalizações relacionados ao gênero¹.

Nesse panorama, desdobraram-se reflexões acerca das diversas experiências femininas ao longo da história, inclusive tecendo discussões sobre as pluralidades de suas vivências de acordo com características espaço-temporais, étnicas, de classes e socioculturais. Percebe-se, entretanto, que este é um fenômeno relativamente recente e que possibilita uma série de linhas de pesquisa ainda relevantes na contemporaneidade. Sendo assim, o presente trabalho propõe estabelecer contribuições para os estudos que tratam da presença e participação feminina na sociedade, especialmente quanto à atuação e mobilização destas durante o período da Primeira Guerra Mundial. Isso porque, como destacado com excelência por *Svetlana Aleksievitch*, “tudo o que sabemos da guerra conhecemos por uma voz masculina. Somos todos prisioneiros de representações e sensações masculinas da guerra. Das palavras masculinas. Já as mulheres, estão caladas” (2016, p. 12). Nesse sentido, mesmo as mulheres estando presentes em meio a esse contexto e tendo atuado sob várias atividades suas narrativas não foram contadas. A face feminina da guerra foi decisivamente desconsiderada ante a carregada e imponente sombra da restrita história oficial. Por isso, um dos principais objetivos desta reflexão tornou-se discutir e compreender as relações de gênero que se entrelaçam com a opressão da memória feminina no imaginário coletivo, sobretudo ao período mencionado onde predomina eminentemente a ênfase em figuras masculinas.

¹ PEDRO; SOIHET, 2007.

Ademais, sabe-se que as formulações do conhecimento histórico são essencialmente construídas a partir das perguntas que direcionamos aos traços e permanências do passado. Trata-se, portanto, de resgatar esses vestígios que resistem e perpassam espaços-tempos a fim de indicar resíduos e evidências que sinalizam-nos detalhes de determinadas temporalidades. Sendo assim, levando em consideração os caracteres de desestabilização, mobilização e tensão social que a atmosfera da guerra impõe aos países envolvidos, os esforços de guerra são parte central da estratégia e planejamento militar que opera como suporte aos abalos dessa instável conjuntura. Durante a Primeira Guerra Mundial, período no qual deu-se amplo envolvimento da sociedade nas demandas do conflito, quais foram os espaços de atuação femininos? Quais atividades realizaram e quais papéis ocuparam? Para que e como os cartazes as recrutavam? Sob quais aspectos, *slogans* e representações visuais?

Procurando responder tais questões começou-se a estruturação da presente monografia delimitando os países escolhidos como recorte espacial de investigação, optando por tratar da experiência dos Estados Unidos da América e do Reino Unido. Isso porque, percebeu-se que nestas nações as convocações geralmente envolvem dinâmicas e ações parecidas, apoiando-se em campanhas e propagandas como recurso para persuadir e incentivar suas populações em seus sentidos patrióticos com os serviços voluntários. Por isso, há maior incidência de *posters* que circularam nesses espaços, disponibilizando-nos um acervo significativo de materiais para análise. Em seguida, realizou-se a separação desses cartazes buscando especificamente aqueles que expressassem os apelos cívico-militares desses governos destinados às mulheres no decorrer de 1914 à 1918.

Assim, foi possível verificar a predominância de *posters* requisitando a participação feminina no chamado esforço de guerra, inserindo-as em postos de trabalho e em medidas de cooperação com organizações como a *National League for Women 's Service*, *Women's Land Army* e a *Young Women's Christian Association*. Também, fizeram-se presentes anúncios do envolvimento destas nas frentes de batalha, prestando auxílio médico na Cruz Vermelha ou em outras áreas de operação, como no *Motor Corps of America* e no *The Salvation Army*. Seja nas indústrias, nas demandas rurais ou junto aos exércitos, o fato é que as mulheres ocuparam papéis essenciais nas mobilizações destas regiões frente às urgências da guerra. Considerando tais circunstâncias, pretende-se ao longo desta pesquisa compreender as especificidades que estes *posters* refletem sobre sua temporalidade e imaginário coletivo, analisando as ilustrações utilizadas, as mensagens e narrativas acionadas, os principais propósitos, as intenções, enfim, elementos que retratam e evocam características que podem nos dizer informações acerca de sua contextualização histórica.

Então, com base nessas observações mais detalhadas, planeja-se conectar referenciais teóricos e discorrer sobre os assuntos levantados na problematização da pesquisa. Sem tardar, a presente reflexão seguirá a metodologia de caráter documental aliado ao bibliográfico sob abordagem qualitativa. Além disso, é importante ressaltar que esse texto estará alinhado aos estudos voltados para dinâmicas que envolvem e investigam o cotidiano das pessoas inseridas nos processos históricos, atentando-se aos singulares detalhes que pertencem e impactam a vida sociocultural de determinadas temporalidades. Nesse sentido, percebe-se e notabiliza-se tanto as batalhas no front, os horrores da guerra e a rotina nas trincheiras quanto valoriza-se as ações que não estão diretamente ligadas ao combate, aquelas que reservam-se a um cotidiano que igualmente sofre as consequências de um mundo em disputa militar.

A monografia será dividida em três capítulos. O primeiro pretende tecer um panorama geral da Grande Guerra, desde suas origens até seus desdobramentos principais. Neste, serão levantados tópicos acerca da sociedade industrial e moderna do século XIX, sobre a ascensão e o desenvolvimento do capitalismo nesse cenário, bem como, em relação ao crescimento do expansionismo e imperialismo europeu ao longo dessa conjuntura. Também serão abordados aspectos relacionados ao desenrolar do conflito, tratando de eventos-chave e dialogando com testemunhos da barbárie. Junto a isso, estima-se discutir as experiências e ativismos femininos presentes nestes lapsos temporais. Nos capítulos seguintes, pretende-se que sejam produzidas reflexões sobre ligações entre história e imagem, sobretudo quanto ao uso de materiais visuais nos estudos históricos, já que as fontes centrais da pesquisa giram em torno de documentos que mobilizam tais noções. Por conseguinte, torna-se indispensável considerar as armadilhas interpretativas que a utilização dessas figuras pode ocasionar, requerendo um olhar cuidadoso, fundamentado e crítico na abordagem desses registros.

Para tanto, propõe-se compreendê-los enquanto itens iconográficos que pertencem aos princípios da imprensa e da propaganda, veículos que transmitem informações e carregam consigo discursos, estratégias de marketing, conotações e outros traços típicos desse estilo de divulgação. Não obstante, serão igualmente pensados como artefatos e produtos culturais que expressam valores e simbologias que podem trazer à tona alguns traços da sociedade estudada através dos reflexos contidos no conjunto de narrativas e no apelo visual das representações e ilustrações desses *posters*. Finalmente, nestes dois capítulos também serão feitos os processos de análise e historicização desses cartazes selecionados. Pretendendo desenvolver duas linhas centrais de discussão: a primeira relacionada à presença das mulheres em diferentes locais de trabalho durante a guerra e, outra, sobre suas contribuições nas frentes de batalha.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

1.1. Nas origens do conflito: O século XIX e a primeira década do XX

As mulheres não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam, não bastam para contar a sua história. Elas estão presentes aqui e além. Elas são diferentes. Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos. Na cidade, na própria fábrica, elas têm outras práticas cotidianas, formas concretas de resistência – à hierarquia, à disciplina – que derrotam a racionalidade do poder, enxertadas sobre seu uso próprio do tempo e do espaço. Elas traçam um caminho que é preciso reencontrar. Uma história outra. Uma outra história.

Michelle Perrot, 2022, p. 224.

A sociedade europeia que emerge durante o decorrer do século XIX é profundamente marcada pelo surgimento de inúmeras novidades industriais, científicas e tecnológicas. Nesse processo, essa temporalidade assinala uma etapa de grandes e decisivas mudanças, sendo um momento de intensa efervescência na experiência cultural, econômica e social das pessoas que foram atravessadas por essa conjuntura. O tempo cronometrado por um relógio incessante, as chaminés esvoaçantes e a idealização do progresso são sinais de uma época que prospera no promissor sistema fabril. O movimento de intensificação das atividades industriais, sobretudo na segunda metade do século, associa-se ao florescimento do modo de produção capitalista e à consolidação desse sistema em escala quase global. A partir disso, delineiam-se os primeiros traços de uma modernidade cada vez mais urbanizada e industrializada, com suas metrópoles mergulhadas em rotinas aceleradas e um estilo de vida cada vez mais baseado no consumo, na produtividade e no capital (SPOSITO, 1988).

Essa vida urbana que passa a pulsar nos grandes centros europeus, em seu vai e vem diário, na entrada e saída das fábricas, na movimentação agitada do cotidiano, nos prazeres da vida noturna, nos lares e bares de cada dia, nas inusitadas novidades das vitrines e dos jornais, nas discussões acaloradas ou mesmo nas conversas aleatórias em cafés e cabarés de todo tipo, além da correria habitual para pegar o último trem que está sempre partindo, são as singulares características de uma sociedade em ascensão. De forma sintomática, um dos símbolos mais representativos desse espaço-tempo são as linhas férreas, especialmente por materializarem as aspirações capitalistas de quebrar fronteiras e construir um mundo entrelaçado. Também, por demonstrarem a atmosfera da época que emana um clima de revolução, descoberta, ruptura, onde tudo acontece de maneira veloz e inaugural: pode-se ir de um lugar a outro rapidamente, pode-se transportar coisas para localidades distantes, pode-se, afinal, globalizar-se. Assim, “o ambiente urbano torna-se uma arena de grande circulação de mercadorias e locus privilegiado de vivências sociais” (MELO; PERES, 2005, p.78).

Em meio a complexidade dessa rede de relações e sensações forja-se uma identidade moderna caracterizada por um horizonte de possibilidades que espelha uma geração marcada pela perplexidade frente às rápidas transformações, pela ebulição artística e intelectual, pelo êxtase diante das boas novas, pelos inéditos modelos de sociabilidade, lazer e entretenimento, pelo entusiasmo refletido na aura dourada protagonizada na *Belle Époque*. De fato, assinala-se um período de extrema prosperidade para a Europa, especialmente para a poderosa Inglaterra, onde “apesar dos protestos trabalhistas, que insistiam em reivindicar melhores condições de vida e de trabalho para os operários, o certo é que o país estava envolto numa enorme euforia” (DECCA, 2000, p.151). Isso porque, a realidade no submundo dessa névoa de plenitude e *glamour* exercida por uma restrita elite triunfante não condiz com o panorama geral descrito por essa temporalidade. O século XIX foi também um momento de incontestável exploração, contradição, desigualdade e tensão social, preconceitos, hierarquias e resistências.

O movimento operário, por exemplo, fez-se incansavelmente presente e ativo ao longo desse contexto, onde as recentes relações de trabalho entre patrões e empregados estavam em vias de construção e disputa. Nesse sentido, além das péssimas condições e as longas jornadas de serviço a eles submetidas, a rotina dentro das fábricas envolvia um significativo processo de controle e dominação sob a autonomia dos trabalhadores. Inicia-se por meio desse sistema um expressivo poder de disciplinarização da vida e do comportamento da classe operária. Da mesma forma, a crescente mecanização da linha de produção passa a representar instabilidade e desvalorização da mão-de-obra, provocando desemprego e prepotência do poderio burguês. Nesse cenário, as lutas e insatisfações do proletariado dirigem-se às condições, exigências e precarizações impostas pelo modelo capitalista de exploração (MARTINHO, 2000).

Essa divisão de classes reflete pólos opostos de satisfação e contentamento acerca dos rumos do século. O bem-estar de uma pequena parcela social não se transfere para o cotidiano da população, uma vez que o desamparo, a escassez e a pobreza fazem-se presentes por todos os abismos obscuros e pelas periferias da *Belle Époque*, onde “os miseráveis, os humilhados, os esquecidos, todos morrem no matadouro social” (LONDON, 2020, p. 352). Nesse sentido, a reorganização espacial das metrópoles a partir da segunda metade do século demonstra um incisivo confronto urbano onde a modernização impõe uma perversa divisão entre os bairros periféricos e os locais de prestígio econômico, transformando os grandes centros em espaços elitizados e empurrando as massas para os subúrbios. Essa série de reformas, intervenções e medidas foram realizadas de acordo com os interesses dominantes na época, sobretudo quanto à estruturação dessas cidades para a comercialização de produtos, embora perceba-se a nítida tentativa de limitar e categorizar os espaços permitidos de acesso ao povo (PERROT, 2022).

Em relação às experiências femininas nessa temporalidade, como em qualquer outro período histórico, foram diversas e diferenciadas entre si. Existe uma pluralidade de fatores e critérios que impactam e influenciam nas vivências de cada mulher, inseridas em ambientes distintos, possuem suas próprias especificidades, valores e realidades. Por isso, a problemática da generalização faz-se uma preocupação na presente pesquisa, sendo indispensável salientar que as temáticas aqui abordadas dizem respeito a apenas algumas das inúmeras perspectivas femininas inscritas nessa conjuntura, tratando de pontos de vista especificamente pertinentes aos recortes realizados para as reflexões aqui propostas.

Dito isso, uma das principais características do século XIX é a decisiva consolidação das noções modernas de ruptura das fronteiras entre as esferas afloradas da vida pública e da vida privada. Durante a construção desse modelo comportamental, demarca-se quais práticas seriam compartilhadas e quais deveriam estar reservadas à privacidade do lar (ARIÈS; DUBY, 1991). Para as mulheres, sobretudo burguesas, essa divisão significou uma segregação sexual dos espaços, uma vez que foram progressivamente excluídas de frequentar locais públicos e cada vez mais fadadas aos domínios do confinamento privado. Junto a isso, solidificaram-se radicalmente os papéis atribuídos aos homens e as mulheres, onde estas seriam predestinadas aos cuidados da casa e da família e, eles, em prover as demandas do lar. Pautados no discurso de equilíbrio, aptidão e vocação natural, tais questões foram largamente defendidas por uma intelectualidade majoritariamente masculina (PERROT, 2022).

Nesse cenário, essas afirmações serviram de pretexto para negar a presença feminina em vários níveis, causando um duradouro processo de silenciamento dessas mulheres. Assim, especialmente nos assuntos ligados à política, suas opiniões e prioridades não eram levadas em consideração e a participação feminina era expressamente desprezada. Logo construía-se um ciclo de dependência jurídica, econômica e até moral dessas mulheres perante os homens, uma vez que, “aos homens, o cérebro, a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos” (*Ibidem*, p. 186). Portanto, sendo tão temperamentais, ingênuas e irracionais, eram vistas enquanto seres incapazes de responderem por si mesmas e muito menos de exercerem poderes políticos. Essas concepções refletem as desigualdades de gênero presentes nesse espaço-tempo, reforçando a privação de direitos e a supressão da autonomia feminina. No entanto, “entender as proibições é também compreender a força das resistências e a maneira de contorná-las ou de subvertê-las” (PERROT, 1998, p. 91). Isso porque, as mulheres foram e são agentes ativos historicamente, lidando e reagindo a essas imposições sob suas próprias formas e alcances, seja vinculando-se diretamente a ações coletivas seja nas particularidades de seu comportamento diário.

As donas de casa das classes populares se desdobram nas cidades do século XIX, em suas rotinas cheias, lutam pela sobrevivência. Essas mulheres possuem suas próprias funções e poderes, além das demandas domésticas geralmente são responsáveis pela gestão das contas e do pagamento da família. Frequentemente elas complementam o orçamento com atividades extras entre os espaços do seu tempo corrido, realizando serviços não oficializados em vários setores secundários como na venda e barganha de produtos, efetuando entregas, fazendo uma série de faxinas e costuras, como também na habitual lavagem de roupas. Os lavadouros são conhecidos como exímios espaços de convívio feminino, pertencendo ao universo das práticas comumente despercebidas do dia-a-dia. Estas damas, mesmo em meio a suas adversidades, possuíam relativa liberdade nos gestos (PERROT, 2022).

Além disso, sabe-se que muitas mulheres trabalhavam em ambientes fabris, sobretudo nos ramos têxteis, com as mesmas ou até piores condições que os homens. Ocupando cargos subalternizados e recebendo salários baixos, eram consideradas mão-de-obra excessivamente barata e lucrativa. Em sua maioria as mulheres operárias levavam jornadas duplas, justamente por realizarem sozinhas as obrigações e afazeres do lar. Sendo assim, exploradas em dobro, no sistema capitalista acentuaram-se as precarizações e marginalizações da condição feminina no mundo do trabalho (SILVA, 2018). Ademais, em maior quantidade, as empregadas domésticas da burguesia faziam-se igualmente em desvantagem, com rotinas inesgotáveis e pagamentos irregulares estavam sujeitas a muitos tipos de abusos (PERROT, 2019).

Portanto, as mulheres desde sempre trabalharam e se movimentaram para enfrentar os embates de cada dia, frequentemente em ofícios não profissionalizados, pouco contabilizados, socialmente desvalorizados ou mal remunerados. Precisando, então, desdobrar-se entre tarefas e bicos, dentro e fora de suas casas. Isso sem mencionar as experiências das camponesas, das prostitutas, das escritoras, das artistas e de outras tantas faces femininas dessa temporalidade que igualmente tiveram que encarar, sob seus próprios meios, as barreiras do gênero. O acesso ao saber intelectual, em especial, fazia-se um privilégio predominantemente masculino onde novamente percebe-se a constante rejeição e descredibilização da presença feminina. Apesar disso, são múltiplos os exemplos de contribuições e estudos realizados por mulheres nas mais diversas áreas do conhecimento ao longo desse período. Na ciência, somente citando algumas, temos pioneiras notáveis como Ada Lovelace (1815- 1852), Florence Bascom (1862-1945), Nettie Stevens (1861-1912), Hertha Ayrton (1854-1923) e, claro, a extraordinária Marie Curie (1867-1934), primeira mulher a receber um Prêmio *Nobel* e a primeira pessoa a receber dois em áreas diferentes, sendo um em Física em 1903 pelas descobertas sobre a radiação e outro em Química no ano de 1911 pelas experiências com polônio e rádio (IGNOTOFSKY, 2017).

Por isso, embora a intelectualidade seja um dos pilares centrais do poder masculino, as mulheres sempre reivindicaram o direito à instrução. Todavia, é de suma importância destacar que esse ingresso fazia-se majoritariamente elitizado e a presença feminina continuava sendo uma minoritária exceção. Na política, a luta pelo voto intensifica-se durante a segunda metade do século XIX e se prolonga até as primeiras décadas do século XX, especialmente na Europa e nos Estados Unidos. Uma pauta de longa duração, sendo inclusive mencionada em 1791 por Olympe de Gouges no texto intitulado “*Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*” em resposta à inquestionável permanência de desigualdades de gênero mantidas mesmo após o fim da Revolução, quando a universalidade não abrangeu as mulheres (ROCHA; et al., 2020).

Em 1848, na localidade de Seneca Falls nos EUA, Lucretia Mott e Elizabeth Stanton organizaram uma convenção para tratar dos direitos das mulheres estadunidenses. Nesta, foi redigida a “*Declaração dos Sentimentos*” onde foram denunciados um conjunto de restrições submetidas às mulheres na época, principalmente acerca do campo da política nacional. Nos anos seguintes, essas manifestações tornaram-se mais frequentes e ativas no país, mobilizando várias pessoas em prol das causas femininas. No Reino Unido, especialmente a partir de 1866, uma série de petições foram apresentadas à Casa dos Comuns solicitando o sufrágio universal, depois disso, criaram-se numerosos grupos sufragistas que defendiam a participação completa e autônoma das mulheres na política (ZANIBONI, 2020). Ao longo dessa temporalidade são muitos exemplos de mulheres que, apesar das proibições, fizeram-se engajadas politicamente. Como Flora Tristan (1803-1844), Louise Michel (1830-1905), Emma Goldman (1869-1940), Rosa Luxemburgo (1871-1919) e Alexandra Kollontai (1872-1952).

Além disso, nesse período o movimento feminista delineou os primeiros traços de sua ação coletiva em defesa da emancipação feminina e da igualdade entre os sexos. Vale destacar que a luta por direitos femininos é plural e possui ramificações de acordo com as identidades e realidades de cada grupo, portanto, temos nomes diversos de ativistas como Sojourner Truth (c. 1797-1883), Susan Brownell Anthony (1820-1906), Alice Stokes Paul (1885-1977), Emily Davies (1830-1921) e Emmeline Pankhurst (1858-1928). Seguindo com as reflexões, uma das principais ferramentas de expressão e visibilidade utilizada pelas mulheres militantes da época foram os periódicos por representarem forte influência na formação da opinião pública. Dessa forma, contabiliza-se uma grande quantidade de jornais femininos produzidos nesse momento com inúmeros títulos célebres como o distinto “*La Fronde*” fundado por Marguerite Durand em dezembro de 1897 e distribuído até pelo menos março de 1905, foi inteiramente criado por mãos, pensamentos e perspectivas femininas. Inclusive, Caroline Rémy foi uma de suas mais notáveis colaboradoras (PERROT, 1998).

Os jornais eram importantes meios de comunicação onde as mulheres se organizavam, planejavam reivindicações, compartilhavam experiências e discussões, noticiavam seus feitos e tratavam de várias questões associadas ao universo feminino silenciado por essa sociedade. Os canais de imprensa, em geral, mostravam-se pouco solícitos às causas femininas quando não declaradamente contrários a suas manifestações. Além das críticas, frequentemente eram publicadas caricaturas desmedidamente zombatórias e estereotipadas a respeito das mulheres envolvidas com essas ações. O fato é que se criou uma pesada reputação negativa que resumia o movimento como aburguesado, fervoroso e padronizado. Realmente, nesse espaço-tempo a *primeira onda* feminista era marcada pela atuação de mulheres brancas elitizadas com pautas intimamente vinculadas a esses recortes, contudo, esse discurso foi utilizado para desvalidar e ridicularizar até mesmo as lutas por direitos básicos negados a todas as mulheres. Ou seja, na perspectiva de muitas mulheres, sobretudo das classes populares, não havia identificação com a maioria dos apelos feministas uma vez que suas prioridades giravam em torno de outras carências mais urgentes que, por exemplo, o voto.

Simultâneo a isso, algumas pessoas simplesmente não mostravam-se insatisfeitas com o modelo tradicional das coisas, sendo receosas quanto às radicais transformações propostas pelas feministas. Nesse sentido, surgem casos de oposição direta como a *National Association Opposed to Woman Suffrage*, fundada por estadunidenses por volta de 1911, essa organização alegava uma série de motivos para o voto não fazer parte das necessidades ou dos interesses femininos, posicionando-se anti-sufrágio (ZANIBONI, 2020). Portanto, conforme brevemente aqui explanado, apesar das inegáveis perseguições, inferiorizações, violências, discriminações e opressões de todo tipo, as mulheres fizeram-se protagonistas de múltiplas vivências, versões e histórias que relacionam-se com suas próprias existências, valores e oportunidades.

Paralelo a tais especificidades, outra questão latente desse período diz respeito à nova configuração global estabelecida através da consolidação da economia capitalista no mundo moderno. Isso porque, especialmente a partir da segunda metade do século XIX, as principais potências industriais europeias passaram a disputar uma intensa corrida na busca desenfreada por novas posses. Com um modelo de produção e industrialização cada vez mais poderoso e excedente, as fronteiras nacionais não suportavam os prepotentes anseios capitalistas que de forma imperialista exigiam uma acentuada expansão de seus limites. Nesse sentido, de acordo com Decca (2000, p. 160), “podemos definir o imperialismo como uma política deliberada de anexação de povos e territórios com vistas à expansão dos mercados capitalistas”. Em função, principalmente, da abertura de comércios consumidores e do domínio de fontes estratégicas de matérias-primas para sustentar os moldes desse sistema.

Esse fenômeno foi feito, portanto, sob violenta dominação e exploração de continentes inteiros. Menosprezando etnias e culturas, o processo de expansionismo forçadamente impôs a ocidentalização em várias regiões do mundo, embora enfrentando uma série de resistências por parte dos povos invadidos, essas grandes potências insistiram em partilhar entre si porções de lugares considerados relevantes para a prosperidade de seus negócios apoiados na extração dos recursos dessas áreas. Tais ações foram conduzidas de forma desmedidamente opressora e com caráter profundamente colonizador (HOBSBAWM, 1995).

Além dos interesses econômicos, percebe-se uma complexa motivação ideológica nas disputas travadas pelas nações europeias nessa corrida imperialista. Isso porque, ao longo de toda essa temporalidade ocorreram significativos movimentos de nacionalização que de fato intensificaram a rivalidade entre esses países que passaram a mutuamente competir pelas suas próprias soberanias e prestígios enquanto unidades nacionais. A esse respeito, cabe comentar que nas últimas décadas do século XIX o processo de invenção das tradições reforçou várias noções de coletividade e pertencimento que aumentaram consideravelmente os sentimentos de patriotismo e as tensões quanto aos possíveis inimigos estrangeiros. Enfatizando simbologias e resgatando passados idealizados, esse momento tornou-se crucial para a total identificação das populações com suas bandeiras prestes a serem mobilizadas militarmente (HOBSBAWM; RANGER, 2017).

Conseqüentemente, todas essas questões fundiram-se e acirraram as hostilidades tanto antigas quanto recentes entre tais nações. A eclosão da Primeira Guerra Mundial insere-se em meio ao desencadeamento de um conjunto de acontecimentos que somaram agitações e crises do cenário internacional junto com inquietações afloradas no próprio âmago dessas potências. Em geral, a competitividade econômica refletiu-se na rivalidade política, onde uma ambiciosa sede imperialista consumia esses governos e empurrava-os rumo a uma disputa direta em prol do controle e do poder expansionista. Essas relações tornaram-se ainda mais explosivas graças à crescente acumulação bélica e às lógicas ufanistas que contribuíram fortemente para a carga de instabilidade do período. Portanto, a guerra foi resultado da combinação de diversos fatores e teve como personagens principais grandes potências dessa época (MARQUES; BERUTTI; FARIA, 2011).

Às vésperas do ano de 1914 já delineava-se um consolidado quadro de alianças entre países com interesses em comum, gradativamente, várias outras nações envolveriam-se nesses antagonismos. A formação de dois blocos conflitantes entre si representa um longo cenário de associações e oposições historicamente estabelecidas. O vasto império britânico, por exemplo, percebe sua ampla zona de influências ser cada vez mais diretamente ameaçada por potências

em ascensão como a Alemanha. Esta que, por sua vez, acumulava tensões mal resolvidas com a região da França após a guerra Franco-Prussiana. Além disso, as partilhas coloniais geraram descontentamentos em nações menos favorecidas na distribuição desses territórios. Em meio a esse contexto, desde 1882 os impérios da Alemanha, Itália e Áustria-Hungria já formaram um acordo no coração da Europa conhecido como Tríplice Aliança. Apenas alguns anos depois, por volta de 1907, as potências do Reino Unido, França e Rússia igualmente consolidaram um pacto chamado Tríplice Entente. Coincidentemente, com exceção da Itália, essa configuração de alianças antecipava o que seriam as raízes dos lados adversários no conflito global. Nesse sentido, o assassinato de Francisco Ferdinando foi somente o estopim que trouxe à tona uma avalanche de questões enrijecidas por rivalidades e disputas anteriormente intensificadas entre esses países (HOBSBAWM, 1995).

Por isso, sintomática e típica da cultura do tempo do XIX, a idealização do futuro logo foi abruptamente quebrada pelos desconfortos e frustrações do presente. Na medida em que a transição dos séculos se aproximava, a constante expectativa em relação ao amanhã cedia lugar à desilusão e incerteza quanto aos rumos dessa temporalidade. Cresciam, cada vez mais, diagnósticos negativos profetizando a chegada de uma época sombria. Sem tardar, o mundo dos sonhos da *Belle Époque* carregava consigo uma poderosa semente de catástrofes na qual o caos e o terror que iriam resultar nas duas Grandes Guerras fomentaram-se justamente a partir da sociedade que pretendia tecer um futuro magistral. Apesar disso, o confronto generalizado entre radiantes potências europeias não era realmente esperado e sua enigmática deflagração foi sentida em vários cantos do planeta. Os utópicos tempos dourados chegavam ao seu fim, agora, a Era dos Extremos estava a germinar (*Ibidem*).

1.2. Breve esboço da Primeira Guerra Mundial

*A mesma velha trincheira, a mesma paisagem. Os mesmos ratos, crescendo como mato. Os mesmos abrigos, nada de novo. Os mesmos e velhos cheiros, tudo na mesma. Os mesmos cadáveres no front. A mesma metralha, das duas às quatro. Como sempre cavando, como sempre caçando. A mesma velha guerra dos diabos.*²

A Primeira Guerra Mundial inaugura, portanto, um melancólico período marcado por conflitos e colapsos na sociedade europeia. Isso porque, a incisiva desestabilização do relativo equilíbrio de poder mantido durante anos pelas principais potências ocidentais fez-se um fator implacavelmente explosivo e demonstrou as fragilidades contidas nesta rede de relações. Com presteza, entre 1914 e 1918 os horrores da guerra tiveram como palco central solos europeus e deixaram como legado uma ferida que custaria ainda muito sangue para fechar.

² Trecho retirado do poema de A. A. Milne. *Apud*: MARQUES; BERUTTI; FARIA, 2011, p. 118.

No intervalo de alguns poucos dias a realidade de milhares de pessoas foi subitamente impactada tendo suas vidas bruscamente alteradas num piscar de olhos. Em meio ao lapso de apenas um breve instante acumulavam-se inimigos a serem combatidos e a nação clamava por ajuda. Apesar disso, uma das mais peculiares características desse momento histórico é a forte adesão inicial das massas em apoio às campanhas militares. Motivadas por uma empolgação patriótica inflada durante décadas, essas populações conduziram-se para massacrar e serem massacradas (HOBSBAWM, 1995).

Os nacionalismos, portanto, desempenharam papéis essenciais na mobilização popular dos países em guerra. Afinal, levas e levas de jovens dirigiram-se ao *front* para morrer e matar em nome de suas pátrias. Por um lado tem-se a sensação de dever e obediência aos interesses e demandas nacionais relacionados à ideia de lutar em defesa de seu povo como um glorioso ato de heroísmo. Seja em prol da reparação de passados penderes, seja na busca de um futuro virtuoso, o fato é que essas pessoas interiorizaram os apelos de uma convincente causa maior. Nesse sentido,

As massas alemãs, francesas e inglesas, ao marchar para a guerra em 1914, fizeram-no não como guerreiros e aventureiros, mas como cidadãos e civis. É este mesmo fato que, para governos que operam em sociedades democráticas, demonstra a necessidade do patriotismo e igualmente sua força. Apenas o sentimento de que a causa do Estado era genuinamente a sua poderia mobilizar com eficácia as massas (HOBSBAWM, 1995, p. 259/60).

Através de cartões-postais, jornais, *posters* e outros instrumentos de comunicação que circulavam nessa época foram consolidados imaginários um tanto idealizados e deslumbrados do conflito. Essa romantização pautava-se no discurso de uma guerra dita legítima, gerando certa ingenuidade coletiva frente aos tênues caminhos para a vitória. Dessa forma, multidões faziam filas para despedirem-se alegremente de seus heróis crendo que logo todos retornariam não somente com êxito mas também com plenas honrarias. Muitos destes, demonstravam uma inocente empolgação que os estimulava a entoar cantigas e sentir-se parte de um compromisso verdadeiramente memorável.

No entanto, por outro lado, era simplesmente questão de tempo até que todo esse ardor épico fosse transformado em total desespero frente à realidade que a guerra implacavelmente impunha aos seus combatentes. Isso porque inicialmente tinha-se a inabalável certeza de que o conflito seria resolvido em curto prazo na medida em que as nações presumiam suas vastas superioridades em relação aos inimigos. Assim, a situação parecia não prolongar-se mais que o estritamente necessário, sendo facilmente encerrada com rapidez e eficácia pela aliança que se mostrasse hierarquicamente superior e o imediato retorno à normalidade estaria garantido para a maioria das potências (MOTTA, 2011).

Contudo, esse pressuposto torna-se inalcançável quando a guerra começa a demonstrar sua principal particularidade: as trincheiras. Em um primeiro momento a formação de linhas e linhas de barricadas estendidas por vários quilômetros de extensão delineando um labirinto de valas escavadas a cerca de dois metros de profundidade eram encaradas como uma temporária porém eficiente estratégia de defesa de posições conquistadas. Nesse cenário, embora haviam batalhas acontecendo em diferentes frentes e em diversas partes do mundo que pertenciam aos domínios europeus ou eram áreas de interesse tático, a situação nas trincheiras imediatamente tornou-se estática e desgastante (*Ibidem*).

Especialmente na chamada Frente Ocidental, essa ampla linha de defesa seria formada por quilômetros de trincheiras separadas por pedaços de terra rigorosamente vigiados e cheios de armadilhas que mantinham o horizonte praticamente inalterado durante longos anos sem que nenhum dos lados conseguisse contabilizar avanços realmente efetivos. Nestas, além de encarar uma série de confrontos sangrentos, os batalhões também enfrentavam circunstâncias terríveis: “entrincheirado, o soldado deveria estar disposto a resistir aos bombardeiros, à fome e ao desespero” (MOTTA, 2011, p. 246).

Portanto, essas áreas eram locais mórbidos e torturantes que diariamente forçavam os limites tanto físicos quanto psicológicos dessas pessoas. Não bastando conviver entre grandes pilhas de corpos amontoados, despedaçados e putrefatos, ainda havia problemas relacionados a enfermidades causadas por esse ambiente totalmente insalubre. Somado a isso, sucediam-se ameaças constantes, violência extrema, falta de abastecimento, sujeitos doentes e agonizantes, pragas de todo tipo, exposição aos fenômenos climáticos, péssimas condições higiênicas, bem como o crescente acúmulo de traumas ao presenciar vidas sendo progressivamente perdidas e impiedosamente ceifadas a cada batalha.

Durante a Primeira Guerra Mundial a tecnologia da morte desenvolveu-se de maneira rápida e eficaz. Nesse contexto, o aprimoramento científico foi amplamente utilizado para fins de extermínio em larga escala com poder cada vez mais destrutivo e aniquilador. O uso das metralhadoras, por exemplo, desempenhou papel decisivo na natureza estagnada das linhas de frente visto que com apenas algumas destas poderia-se tranquilamente dizimar fileiras inteiras de infantaria inimiga. Além disso, outros recursos vitais de artilharia como tanques, granadas, bombas, aviões e até submarinos fizeram desse conflito um dos primeiros a testar armamentos altamente letais entre todos os lados adversários. Inclusive, uma das principais características dessa conjuntura diz respeito aos manuseios desenfreados de dispositivos químicos enquanto mecanismos bélicos. Assim, as potências passaram a atacar bases inimigas com aplicação de substâncias químicas em proporções devastadoras (MOTTA, 2011).

Nessa lógica, mesmo que a utilização de gases tóxicos em situações de guerra já fosse considerada uma prática antiética e inglória, era também uma incontestável forma de alcançar vantagem sob tropas inimigas permanentemente imóveis e entrincheiradas. Geralmente esses agentes químicos causavam mortes lentas e dolorosas comprometendo o sistema respiratório e ocasionando uma asfixia prolongada, além de possivelmente provocar queimaduras na pele e hemorragias internas. Por isso, eram responsáveis não somente por um elevado número de baixas mas principalmente pela desestabilização das tropas em meio ao terror de seus severos efeitos. As máscaras de gás são um dos símbolos mais emblemáticos presentes nas fotografias da Grande Guerra, demonstrando que o arsenal químico esteve excessivamente presente nas rotinas dos *fronts*. Isto é, quando essas assustadoras nuvens aproximavam-se, o medo e o caos eram imediatamente instaurados na alma de cada combatente por ela possivelmente exposto (SILVA; et al., 2012).

Nesse sentido, a guerra de trincheiras foi um fenômeno prolongadamente frustrante e repetidamente exaustivo. Em uma carta encontrada no bolso de um soldado alemão após uma das operações mais fatais da Primeira Guerra Mundial, a grande *Ofensiva de Somme* em 1916, relata-se uma das memórias mais descritivas da sensação de anos entrincheirados:

Estamos tão exaustos que dormimos, mesmo sob intenso barulho. A melhor coisa que poderia acontecer seria os ingleses avançarem e nos fazerem prisioneiros. Ninguém se importa conosco. Não somos revezados. Os aviões lançam projéteis sobre nós. Ninguém mais consegue pensar. As rações estão esgotadas - pão, conservas, biscoitos, tudo terminou! Não há uma única gota de água. É o próprio inferno! (*In*: MARQUES; BERUTTI; FARIA, 2011, p. 120).

Diante de fracassos constantes, alto custo humano e longas estações enfrentando árdua resistência era possível perceber “em vários níveis, e com frequência crescente, muitos sinais do cansaço e da desilusão que havia dominado tanto os soldados da linha de frente, quanto os civis na retaguarda” (BURIGANA, 2014, p. 46). Após cerca de três anos em intenso combate, remanesciam nações entrando em extremo colapso e sobreviventes desesperados lutando pela vida.

Em 1917, contudo, essa situação passa por novos rumos quando uma imponente figura decide adentrar efetivamente no embate. Nesse período, o bloqueio completo das entregas de suprimentos aos países adversários fazia-se uma das principais estratégias para enfraquecer os inimigos internamente e aumentar as chances de alcançar a vitória. Por isso, as forças Centrais passaram a intensificar os ataques aos abastecimentos dirigidos aos países Ententes, atingindo todos os meios que de alguma forma representassem auxílio à permanência dessas potências na guerra. Essa postura incluía, portanto, interferir diretamente nas movimentações marítimas mundiais.

Enquanto isso, os Estados Unidos mantinham uma posição de certa neutralidade frente aos atritos no continente Europeu, embora suas relações comerciais estivessem extremamente relacionadas às demandas do lado Entente. Nesse contexto, tal bloqueio afetou diretamente os interesses econômicos e os negócios estadunidenses que exportavam uma série de produtos e armamentos bélicos a nações como Reino Unido e França. Por conseguinte, ao longo de 1917 o governo estadunidense declarou guerra aos impérios da Alemanha e da Áustria-Hungria, ao passo que prontamente uniu-se aos seus aliados diplomáticos (MOTTA, 2011).

Dessa forma, a intervenção dos Estados Unidos e de toda sua força em uma guerra que encontrava-se em pleno andamento produziu, sem dúvidas, papel decisivo no destino final do conflito. Isso porque, o reforço militar estadunidense trazia consigo um prolongado suspiro de renovação aos seus aliados, tanto em relação aos recursos materiais quanto por meio de novas esperanças. Essa grande e inédita inundação de equipamentos, pessoas e subsídios financeiros colidiu diretamente com um já desgastado exército adversário, que mesmo demonstrando uma enorme força militar não conseguiria dar conta dessas poderosas cartas que reconfiguraram completamente os rumos da guerra (HOBSBAWM, 1995).

Com essa recuperação, a última fase do confronto foi profundamente marcada por uma sucessão de embates que resultaram não apenas no recuo mas sobretudo no desencadeamento de uma série de rendições dentro das forças Centrais. Nesse cenário, de setembro a novembro do ano de 1918 testemunhou-se gradualmente a assinatura de armistícios e a retirada absoluta da Bulgária, do Império Otomano e da Áustria-Hungria do conflito. Em seguida, enfrentando um momento de intensas turbulências e crises internas, a Alemanha também acaba por aceitar os acordos que estabeleceram o cessar fogo final da Primeira Guerra Mundial.

Entretanto, a assinatura do Tratado de Versalhes revelou uma incisiva demonstração de poder das potências que saíram triunfantes dessas conflagrações. Nesse suposto contrato de paz escrito somente pelos vencedores foram impostas rigorosas condições à nação alemã, que além de ser culpabilizada moralmente pela guerra também foi condenada materialmente pelas despesas do conflito. Sendo assim, as reparações não foram devidamente negociadas e de fato concretizaram intenções radicalmente punitivas. Além de ceder fartos territórios e colônias, as indenizações a serem pagas aos países adversários geraram um profundo colapso na economia alemã que afundou-se em excessivas dívidas. Na década de 1920, acima de tudo, essa região enfrentou uma agravada crise acentuada por altos níveis de escassez e insatisfação popular. O declínio da soberania alemã após a Grande Guerra marcou um período de ressentimentos não resolvidos e até mesmo intensificados através dessas rígidas determinações que mantiveram o universo europeu em clima de instabilidade (MOTTA, 2011).

Por isso, na perspectiva coletiva do país, “o reconhecimento da derrota significou a aceitação de um tratado marcado por humilhações ao povo e à nação alemães” (*Ibidem*, p. 243). Com essas condenações desproporcionais, o orgulho nacional foi genuinamente ferido e o chamado *revanchismo* alemão fortaleceria-se a partir desse quadro. Além disso, na Itália a situação também indicava um processo de desassossego através da ideia de “vitória mutilada”, onde a nação sentia-se insatisfeita com as recompensas de sua participação direta no conflito e igualmente alimentava agitações quanto aos desequilíbrios nos acordos de restituição. Junto a isso, os nacionalismos exacerbados cresciam cada vez mais e reforçavam o ódio e a vingança em represália a essas questões. Consequentemente, os ares de paz não seriam assegurados por muito tempo, sem tardar, essa frágil trégua seria bruscamente rompida por um novo e extremo ciclo de horror (BURIGANA, 2014).

Portanto, a Primeira Guerra Mundial foi um evento que deixou profundas cicatrizes e causou rupturas que impactaram diretamente os rumos do século XX. No cenário geopolítico, o mapa *mundi* sofreu alterações significativas uma vez que as fronteiras foram redesenhadas com a criação de novos Estados-Nação e o desaparecimento de históricos Impérios (*Ibidem*). Além disso, essa reformulada ordem global assinalou o súbito declínio europeu e a expressiva ascensão estadunidense enquanto potência dominante no mundo ocidentalizado. No desfecho final das hostilidades, as sociedades européias encontravam-se maioritariamente devastadas, tensionadas e endividadas, afirmando a hegemonia estadunidense frente a essas consequências (MARQUES; BERUTTI; FARIA, 2011). Ademais, os efeitos psicológicos da guerra também fizeram-se aspectos registrados no âmago dessa temporalidade, os quais foram responsáveis por uma série de traumas carregados por um longo período na memória de gerações inteiras. Os horrores do *front*, a banalização da morte, os sofrimentos diários, as milhares de vítimas, todos esses fatores marcaram decisivamente os caminhos dessa sociedade.

Além disso, a conjuntura da Primeira Guerra Mundial impactou significativamente as experiências femininas. Considerando as intensas mudanças que esse drástico cenário causou no cotidiano das populações envolvidas no conflito, as mulheres também foram atingidas por essa realidade. Sob diferentes perspectivas, suas vivências alteraram-se frente às urgências da guerra, ocupando novos e inesperados papéis em meio às bruscas oscilações que essa situação impôs aos seus países. Nesse sentido, os próximos dois capítulos procuram tratar de algumas dessas experiências, trazendo à tona a presença feminina inserida no perpassar desse momento histórico. Também, pretende-se analisar as especificidades de cartazes produzidos nessa época que foram intencionalmente destinados ao público feminino do recorte espacial delimitado às nações dos EUA e do Reino Unido.

2. A GUERRA EM CARTAZ: IMAGENS E HISTÓRIA

2.1. Iconografia política e propaganda de guerra

Toda imagem conta uma História.

Peter Burke, 2005, p. 175.

Uma das principais ferramentas de comunicação desenvolvidas ao longo da segunda metade do século XIX foram os chamados *posters*. Sintomáticos de seu tempo, caracterizam perfeitamente os traços e necessidades da vida urbana estabelecida nesse período. Ligados a publicidade e a comercialização, mostraram-se efetivos veículos de propaganda direcionados às massas. Assim, adquiriram uma estética marcante, com característicos mecanismos verbais e visuais que tornaram esse recurso extremamente popular nas metrópoles durante a transição dos séculos.

Geralmente fixados em locais de grande circulação de pessoas com rotinas aceleradas, sua principal função é atrair a atenção do público e transmitir uma mensagem de forma rápida e eficaz. Para isso, acionam elementos textuais e visuais combinados a contrastes impactantes de cores e figuras que destacam enunciados e ilustrações responsáveis por produzir efeitos de sentido ao anúncio planejado. Ademais, a linguagem utilizada em cartazes normalmente segue um padrão acessível e de fácil compreensão, justamente pela intenção de absorção instantânea da informação pelo seu espectador. Também, disputam olhares entre tantos outros deslumbres urbanos, estabelecendo métodos para conquistar esses destinatários (TUASCA, 2019).

No contexto da Grande Guerra, esse recurso comunicativo passa a desempenhar novos e indispensáveis papéis, tornando-se um artifício fundamental para a divulgação de conteúdos político-militares e sendo sistematicamente utilizado por nações beligerantes. Isso porque, era de suma importância que a opinião pública estivesse em plena concordância com os interesses do país, por isso, “a propaganda de guerra era tão importante, ou, às vezes até mais, do que os próprios exércitos” (BORTULUCCE, 2010, p. 323).

Dessa forma, os cartazes transformaram-se em poderosos instrumentos de suporte para as campanhas de apelo moral e ideológico das nações em conflito. A mobilização engajada e o apoio cívico-militar das populações faziam parte central do esforço de guerra desses países, sendo questões amplamente instigadas pelas propagandas produzidas pelos governos em prol da defesa nacional. Tais ações tornaram-se essenciais ao longo da guerra, principalmente por possuírem a capacidade de influenciar, inspirar e informar a sociedade sobre as demandas do enfrentamento bélico. Nesse caso, o advento do cartaz como meio de propaganda em tempos de crise tornou-se um eficiente aparato controlado pelos interesses do Estado.

Nos cartazes dessa conjuntura, portanto, nota-se que “as mesmas técnicas usadas para atingir um alvo -em sentido comercial- eram empregadas para vender a guerra” (GINZBURG, 2014, p. 90). Para tanto, uma das principais estratégias de persuasão constituía em estabelecer vínculos entre destinador e destinatário utilizando valores pertencentes a suas culturas, então, através de associações e simbologias, atingia-se o inconsciente desses espectadores acionando princípios consolidados socialmente.

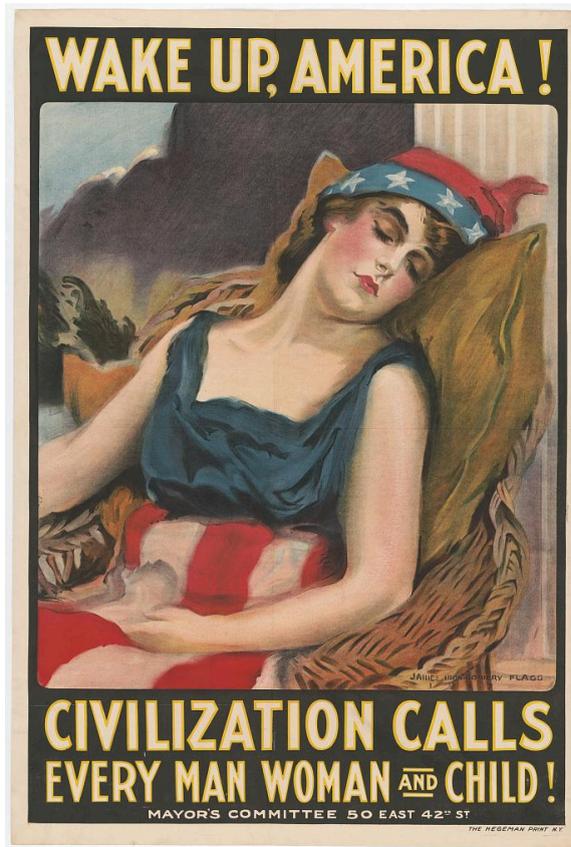
Nesse sentido, o indivíduo deve reconhecer-se na mensagem a partir de características que causem identificação e impacto pessoal para o sucesso da abordagem publicitária. Logo, esse estilo de propaganda “influencia o comportamento humano por meio de mecanismos que vão muito além do que o olho vê, despertando, fortalecendo ou resgatando crenças religiosas, culturais ou mesmo filosóficas” (BORTULUCCE, 2010, p. 324).

Sendo assim, a propaganda de guerra apropria-se desse imaginário repleto de símbolos e representações para difundir seus ideais políticos. Além disso, a identidade nacional é sem dúvidas um dos recursos centrais utilizados nesses cartazes para suscitar o apelo sentimental e patriótico em seu público-alvo (*Ibidem*). Entendidos enquanto evidência histórica e narrativa visual, esses *posters* expressam uma série de particularidades acerca das sociedades nas quais estão inseridos.

Nessa perspectiva, considera-se que “para interpretar a mensagem [de uma imagem], é necessário familiarizar-se com os códigos culturais” (BURKE, 2005, p.46). Assim, tais obras podem ser lidas a partir de seu contexto de circulação, trazendo à tona alguns dos discursos e olhares construídos por essa sociedade em meio a tais conjunturas. Sob diferentes estratégias, o fato é que as propagandas de guerra procuravam atender os objetivos nacionais por meio de ações que atingissem os sujeitos de tal forma que estes prontamente atendessem aos diferentes chamados da pátria, portanto, possuíam propósitos previamente planejados, sendo capazes de revelar-nos sintomas marcantes de sua temporalidade.

Desde o começo do conflito, o Reino Unido foi sem dúvidas uma das nações que mais produziu material propagandístico para suas campanhas de cooperação cívico-militar. Mesmo representando uma das maiores potências mundiais na época, o recrutamento de voluntários fazia-se uma questão urgente para reforçar os exércitos e a resistência coletiva do país. Além disso, embora os EUA tenham ingressado nas disputas armadas de forma relativamente tardia, também apoiaram-se largamente no uso intensivo de cartazes e propagandas de guerra durante esse período. Em geral, essas criações expressam temáticas alusivas aos esforços no qual cada nação empenhou-se, ilustrando características de suas participações e organizações em meio a esse contexto (TUASCA, 2019). Vejamos alguns exemplos:

Figura 1: Acorde, América!



Fonte: Flagg, James Montgomery. EUA, c. 1917.

Figura 2: Você está nessa?



Fonte: Baden-Powell, Robert Stephenson Smyth. Reino Unido, c. 1915.

Na primeira figura, percebe-se a expressão “Acorde, América!” em destaque na parte superior do cartaz e o complemento “A civilização chama cada homem, mulher e criança!” disposto logo abaixo da ilustração. As letras estão bem visíveis e em caixa alta, apresentando cores contrastantes entre o fundo preto e os caracteres em tom branco e sombreado amarelado. Todo esse dinamismo chama a atenção do espectador e destaca o enunciado proposto, além de centralizar o olhar para a imagem alegórica da mensagem emitida.

Aqui, temos a representação de Columbia, frequentemente associada à personificação feminina dos EUA. Ela é retratada em repouso, pacífica, adormecida. Suas roupas fazem uma alusão direta à bandeira de sua nação, demonstrando sua alma profundamente patriótica. Na cabeça, parece usar uma espécie de barrete frígio, símbolo longevo que, nesse caso, pode estar remetendo à luta por liberdade. Enquanto ela cochila, nuvens escuras e sombrias aparecem ao fundo, revelando a chegada de algo assustador e caótico. Com isso, a personagem encarna os sentimentos do país, que acaba de sair da posição de neutralidade e deve reagir aos tempos de guerra tidos como metáfora por esse céu melancólico (LIBRARY, 2016).

Na segunda figura, o texto verbal está localizado somente na parte inferior da imagem, com a frase “*Você está nessa?*” estampada na cor preta em um fundo branco. Nota-se que há maior destaque na palavra “*Você*”, causando a impressão de estar dirigindo-se diretamente ao destinatário e reforçando a mensagem do comunicado através dessa abordagem absolutamente pessoal. Essa é uma das principais estratégias utilizadas pelas propagandas para alcançar bons resultados de atenção e persuasão em seus públicos-alvos (GINZBURG, 2014).

Além disso, esses cartazes geralmente combinam mecanismos verbais e visuais para tornar uma campanha ainda mais eficaz. Nesse caso, junto ao enunciado que produz impactos pessoais no espectador, a ilustração que ocupa a maior parte do anúncio igualmente envolve o destinatário como possível protagonista nessa ação coletiva. Na cena, observa-se a presença de cidadãos trabalhando em conjunto tanto enquanto militares quanto na posição de civis.

À frente estão retratados um trabalhador industrial e uma operária de munições, ambos em ambiente fabril e caracterizados conforme suas profissões. No centro, uma enfermeira em trajes que lembram a Cruz Vermelha segura um lenço em gesto de auxílio. Logo ao fundo, um jovem com vestimentas rurais está subindo a colina e entregando a um soldado de infantaria um pequeno pacote. Este, uniformizado militarmente e observando o horizonte, parece prestes a encarar um combate segurando fortemente seu rifle. Nesse mesmo ambiente, uma trincheira é representada perto de um canhão, onde um membro da marinha encontra-se prontamente a postos. No topo, o símbolo nacional, representado por uma bandeira do Reino Unido hasteada em um mastro elevado onde balança majestosamente.

Todos esses envolvidos estampam um semblante que emana concentração, dedicação, orgulho e até satisfação por estarem de alguma forma contribuindo com a rede de ajuda de sua pátria. Nota-se, contudo, um senhor afastado dessa cena centralizada, vestido com elegância, aparenta ter sido inesperadamente interrompido enquanto passeava calmamente fumando seu cigarro. Parece surpreso, um tanto assustado, talvez constrangido por ter suas mãos no bolso e estar apenas observando enquanto todos os outros participam ativamente dos esforços.

Em conjunto, o cartaz tinha como objetivo demonstrar que haviam muitas maneiras de contribuir com a nação nesse momento de crise (TUASCA, 2019). Além disso, abordando o espectador através de um questionamento pessoal, era possível gerar certa inquietação onde essa pergunta propiciava uma afronta do tipo: afinal, o que *você* está fazendo para ajudar seu país?. Salientando que todos estão de fato realizando algo a partir de seus próprios alcances, essa ação atribui ao sujeito sua carga de responsabilidade nas mobilizações gerais pela vitória, colocando-o como protagonista nesse enredo. Também, desperta o sentimento de coletividade com a representação dessa grande corrente de cooperação.

Nesse sentido, percebe-se que em ambos os casos as intenções são semelhantes e estão diretamente ligadas aos propósitos nacionais de mobilizar cada integrante da sociedade a fim de criar uma forte e duradoura rede de apoio para as demandas do país em guerra. Na primeira figura, o chamado da nação dirige-se a todos os cidadãos e cidadãs estadunidenses, sendo eles homens, mulheres e até crianças. No segundo cartaz, igualmente elabora-se uma narrativa que estabelece uma convocação geral soando o alarme patriótico de contribuição e união para toda a população britânica.

Ademais, observa-se que nas duas propagandas estão presentes simbologias nacionais, sendo essa uma estratégia clássica para traduzir ao receptor da mensagem as ideologias do governo. Fazendo essa associação, atinge-se o psicológico popular e fomenta-se a comoção nacional por meio de um significativo sentimento de dever cívico que motiva essas pessoas a contribuírem com as causas do país. Por isso, o apelo nacionalista é imprescindível, fazendo com que a multidão sinta-se parte desse coletivo e empenhe-se para defender sua nação e seu povo contra inimigos externos.

Interessa-nos, sobretudo, ressaltar que o apoio feminino fazia-se uma das prioridades principais nas propagandas de guerra dessa época. Isso porque, instigar a cooperação feminina era indispensável para garantir e fortalecer as ações em prol da nação. Nessa conjuntura, por meio de diferentes abordagens, as mulheres eram alvos de vários apelos e convocações sob a intenção de corresponderem aos interesses nacionais. Portanto, essas campanhas políticas são capazes de demonstrar que o público feminino desempenhou diferentes papéis e protagonizou expressiva atuação em meio a esse conturbado cenário.

3. RETRATOS FEMININOS DA GRANDE GUERRA

3.1. A indústria de guerra

“Para cada lutador, uma mulher trabalhadora”³

Com os homens sendo intensamente recrutados para o alistamento militar, a crescente ausência masculina levou à inserção das mulheres enquanto principal força de trabalho para as nações em guerra. Com a falta de mão-de-obra rapidamente ameaçando a economia, a decisão de mobilizar as mulheres para as frentes de trabalho foi um fenômeno desencadeado devido às necessidades que as condições históricas de emergência impuseram a essas sociedades. Nessa circunstância, as mulheres passaram a ingressar massivamente na substituição de serviços em indústrias e outros setores predominantemente ocupados por homens (TUASCA, 2019).

³ Slogan estampado em cartazes da Primeira Guerra Mundial. Alguns exemplos serão tratados a seguir.

Além das demandas gerais, o cenário beligerante também exigia uma alta produção de equipamentos bélicos para suprir as forças militares. Com isso, uma grande porcentagem das mulheres foram designadas para executar tarefas em fábricas de armamentos. Esse fenômeno fez-se particularmente intenso em países Ententes, onde as chamadas *municionetes* realizavam trabalhos metalúrgicos e produziam munições (PERROT, 2019). Logo, diversas propagandas foram confeccionadas para incentivar que as mulheres assumissem funções operárias a fim de contribuírem com os esforços de guerra de suas nações:

Figura 3: Aprenda a fazer munições.



Fonte: Scott, Septimus E. Reino Unido, c. 1916.

Figura 4: Y.W.C.A.



Fonte: Treidler, Adolf. EUA, c. 1918.

Na primeira figura, nota-se o enunciado em destaque na área superior do cartaz: “*Estas mulheres estão fazendo sua parte*”. Logo abaixo, no canto inferior direito, enfatiza: “*Aprenda a fazer munições*”. Ambas informações verbais são apresentadas em caixa alta e em tons frios que contrastam com um plano de fundo clareado. Junto ao texto, a imagem centralizada causa a impressão de ampliar-se na cena, trazendo maior evidência a essa personagem. A mulher em destaque veste roupas representativas da classe operária feminina na época, utilizando a touca e o jaleco de proteção característicos das trabalhadoras de munições britânicas. Além disso, sua saia e sapatos à mostra também apontam sintomas de sua temporalidade.

Nesse período, uma série de questões impactaram nos perfis visuais das pessoas inseridas em países participantes do conflito. Juntamente com a escassez de matérias-primas, a atmosfera dessa época emanava uma aura de extrema melancolia, condizente com o cenário desolador vivenciado com a guerra. Assim, o uso de cores vibrantes e tecidos extravagantes tornou-se extremamente incomum, cedendo espaço para vestuários neutros e escurecidos que sinalizavam o luto contínuo que essa situação transmitia. Além disso, é notável o surgimento de uma estética marcada pela forte influência militar (TEIXEIRA; SILVA, 2018).

Especialmente nos trajes femininos, observa-se que foram empreendidas significativas mudanças estimuladas principalmente pelo aumento no número de mulheres ocupando postos de trabalho. Com essa inserção, tornava-se essencial a utilização de roupas práticas e versáteis apropriadas para essa nova realidade, facilitando os movimentos e trazendo comodidade para o exercício das funções. Também, com a constante falta e aumento nos preços dos tecidos, os modelos precisavam adequar-se a essas condições e serem ainda mais resistentes. Nesse caso, os espartilhos e as peças justas passaram a entrar em desuso, ao passo que as modelagens ganharam medidas confortáveis e soltas. Uma das principais transformações verificadas foi no estilo das saias, as quais tornaram-se um pouco mais curtas, próximas a altura dos tornozelos, com *designs* ampliados (*Ibidem*).

É exatamente este o exemplo da mulher retratada no cartaz, enquanto operária, veste roupas adequadas ao exercício de suas atividades. Em seu gesto, o braço direito levantado nos parece tanto aprontar-se para o trabalho quanto como quem diz “avante!”, seja despedindo-se do soldado ao fundo, seja para o próprio público que observa a imagem. A cena é ambientada em uma indústria de munições, observa-se no canto direito da ilustração um pequeno grupo de mulheres laborando que trajam o mesmo estilo de “uniforme” que a personagem central. No canto esquerdo, um soldado de infantaria segura seu rifle e dá adeus com um largo sorriso prestes a atravessar a porta da fábrica e encontrar-se com sua tropa rumo à batalha.

Na segunda figura, percebe-se que o texto está localizado somente na parte inferior do cartaz, dando maior destaque a ilustração que ocupa boa parte do anúncio. As palavras estão bem visíveis e possuem cores acinzentadas, com exceção de algumas informações indicando a intenção de maior ênfase nessas mensagens. Em tradução livre, a frase em vermelho no canto direito diz: “*Para cada lutador, uma mulher trabalhadora*”. Abaixo, o título da “*Campanha Unida para o Trabalho de Guerra*”. Da esquerda para o centro, o complemento: “*Cuide dela através da Y.W.C.A.*”. Essa sigla está se referindo à “*Young Women 's Christian Association*”, uma organização feminina atuante há décadas que promoveu inúmeras ações humanitárias ao longo da Grande Guerra.

Esse cartaz foi encomendado, portanto, na tentativa de arrecadar apoio para a “*United War Work Campaign*”, um movimento de grande cooperação no qual sete associações uniram forças para auxiliar nos esforços de guerra. Incluindo a assistência da *Y.W.C.A.*, essa campanha organizou uma série de mobilizações a fim de fortalecer os laços entre o suporte popular e as forças militares. Com isso, essa ação coletiva obteve um significativo apoio financeiro e uma alta quantidade de voluntários para auxiliar nas demandas da guerra (PORTLAND, 2014).

Na imagem, a figura principal é a representação de uma mulher operária que em uma de suas mãos segura um avião militar e na outra um grande projétil. Em pé, sua postura parece demonstrar uma enorme robustez, quase como personificando um forte pilar que ampara esses dois eixos da produção bélica. Atrás de si, o desenho de um triângulo em azul, fazendo alusão direta ao símbolo da associação feminina (*Y.W.C.A.*). Além da touca, suas roupas também são indicadores de suas funções, sobretudo com o uso do macacão de trabalho. Durante a Grande Guerra, outra mudança significativa no vestuário feminino foi o início da naturalização do uso de calças pelas mulheres, peças antes tradicionalmente pertencentes ao universo masculino.

Portanto, nos dois cartazes percebe-se a intenção de valorização do trabalho feminino estabelecendo narrativas de persuasão para levar as mulheres a contribuírem com os esforços nacionais. Na primeira propaganda, a mensagem transmitida constrói uma relação direta entre o enunciado e a cena: assim como o soldado está fazendo sua parte ao dirigir-se para a guerra, as mulheres são convidadas a servirem seu país por meio do trabalho. No segundo anúncio, a mesma ideia é transmitida através da frase destacada em vermelho e a postura da personagem central, enfatizando o papel dos homens nas linhas de frente e o das mulheres desempenhando funções operárias na retaguarda.

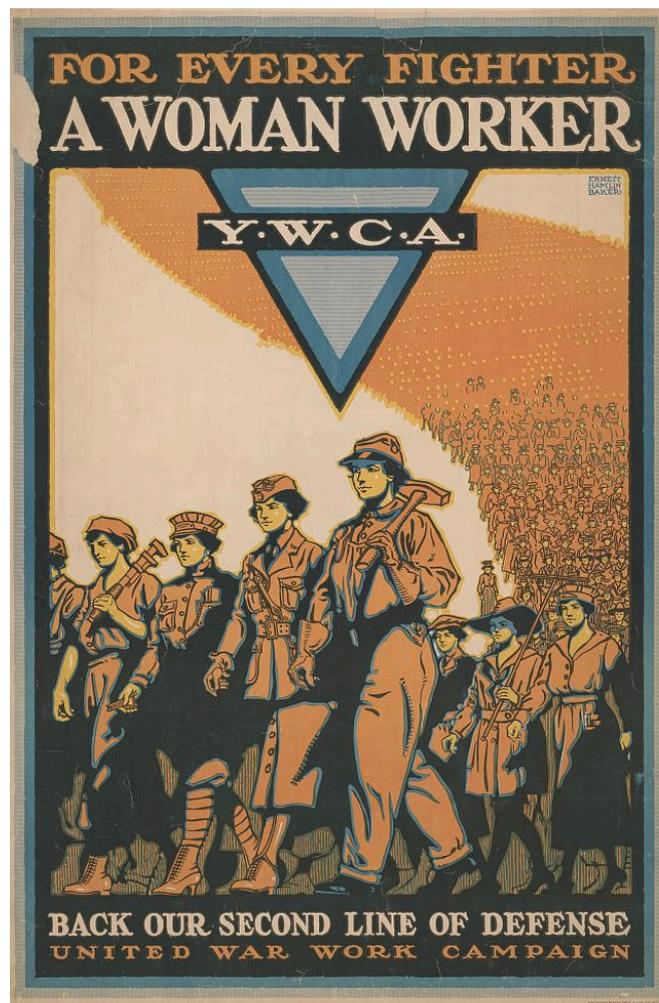
Além disso, nota-se que os verbos utilizados nas frases textuais de ambos cartazes são propositalmente empregados no imperativo, passando-nos a impressão de ação imediata. Tal abordagem é uma estratégia utilizada pelas propagandas para atingir os espectadores com a sensação de emergência, destacando que a ação deve ser realizada no espaço-tempo do aqui e do agora (TUASCA, 2019).

No entanto, vale ressaltar que essas campanhas eram produzidas sob as intenções de convencer e estimular seu público-alvo, carregando consigo uma série de discursos um tanto idealizados acerca dos processos de inserção das mulheres em trabalhos industriais ao longo desse período. Sabe-se que a realidade desses empregos geralmente acarretava experiências negativas, sobretudo relacionadas a baixos salários e problemas de insalubridade. Além disso, contabilizam-se cargas horárias elevadas nas quais essas mulheres precisavam levar jornadas duplas, conciliando os afazeres domésticos e a rotina nas fábricas.

Muitas vezes, os serviços nas indústrias de armamentos eram realizados sob péssimas condições de operação, principalmente pela exposição constante a gases venenosos e produtos explosivos. Nesse sentido, apesar do aumento e do aparente incentivo no número de vagas de emprego destinadas ao público feminino, cabe lembrar que esse fenômeno deu-se em razão do contexto histórico da época, o qual demandava a substituição de uma mão-de-obra em crise e escassez. Assim, a entrada das mulheres em vários postos de trabalho foi realizada sob caráter emergencial, não implicando em uma real inclusão da presença feminina nesses espaços. Isto é, percebe-se a manutenção de um sistema onde essa parcela social passa a fazer parte da rede de interesses nacionais, executando novos papéis de acordo com as configurações geradas por uma conjuntura histórica específica (GONZAGA, 2021).

Mesmo assim, esse período assinala profundas alterações nas dinâmicas socioculturais que impactaram diretamente nas experiências femininas. Acerca disso, observemos mais um exemplo para discutir essas temáticas:

Figura 5: Segunda linha de defesa.



Fonte: Baker, Ernest Hamlin. EUA, c. 1918.

Aqui, vemos a representação de um grande exército feminino em marcha, formado por uma multidão de mulheres trabalhadoras. Cada uma delas exerce uma profissão diferente, fato confirmado pelo uso de uniformes característicos a vários tipos de ofícios. Nas informações verbais, acima do cartaz tem-se em destaque o emblemático *slogan*: “*Para cada lutador, uma mulher trabalhadora*”. Logo abaixo, um grande símbolo da associação feminina *Y.W.C.A.* Na parte inferior da imagem, o complemento: “*Apoie nossa segunda linha de defesa*”. E, por fim, uma referência à “*Campanha Unida para o Trabalho de Guerra*”.

Em tempos de crise extrema como a Primeira Guerra Mundial, torna-se comum que as propagandas de países beligerantes intencionalmente denominem a classe operária enquanto um “exército de retaguarda”. Este, é reconhecido como um reforço fundamental que opera em colaboração com outras redes de auxílio em prol da vitória nacional. No cartaz, observa-se a alusão direta à mobilização feminina como uma segunda linha de defesa militar, associando a força de trabalho como uma das principais frentes de resistência bélica.

Nesse sentido, representá-las como um grande exército em marcha pressupõe a ligação sincera entre a importância da mobilização feminina e a conjuntura histórica vivenciada nessa temporalidade. Além disso, demonstra-se que a atuação das mulheres estendeu-se para vários setores, desempenhando funções muito além daquelas ditas tradicionalmente femininas. Logo, é perceptível sua presença em muitas áreas antes praticamente restritas ao domínio masculino, aumentando significativamente a dimensão desse gênero em várias posições sociais.

De acordo com Michelle Perrot (2019), durante esse período as mulheres preencheram uma série de espaços da vida econômica e cotidiana dos países em guerra, desfrutando de uma certa mobilidade e liberdade social. Passaram, inclusive, a conduzir bondes, automóveis e até arados. Essas novas atividades estão presentes na ilustração do cartaz, além das trabalhadoras operárias, há outra ocupação representada na imagem muito sintomática desse espaço-tempo: na segunda fileira da multidão nota-se ao centro uma personagem destacada ao lado de duas outras cidadãs.

Esta, veste um chapéu de estilo amplo com abas volumosas, item geralmente utilizado por pessoas que vivem nos campos e realizam trabalhos rurais. Além dele, outra característica marcante de sua aparência é a ferramenta apoiada em seu ombro: aparenta ser uma espécie de ancinho manual, instrumento largamente empregado em funções agrícolas. Com tais detalhes, torna-se possível presumir que ela simboliza as mulheres que ao longo do decurso da Grande Guerra tiveram que assumir diversas tarefas em setores das regiões rurais. Nesse sentido, uma das principais frentes de atuação feminina em meio ao contexto bélico foram os esforços para suprir as abundantes demandas relacionadas à produção agrícola.

3.2. Racionamento de alimentos e o “Exército Terrestre”

“Velhos, mulheres e crianças - ausentes dos campos de batalha - sentiam na pele, ou melhor, no estômago, o efeito mais cruel de uma guerra: a morte pela fome”⁴

Conforme a guerra prolongava-se por um tempo cada vez mais longo e indeterminado, as crises internas que os países vinham enfrentando rapidamente agravavam-se e estendiam-se a outros campos da subsistência nacional, alcançando níveis elevados de desestabilização em vários setores indispensáveis para a resistência tanto militar quanto civil.

Durante o conflito, a crise financeira levou muitos governos a arrecadarem fundos por meio de títulos ou selos na tentativa de reduzir os problemas econômicos amplamente gerados pelo cenário beligerante. Além dessas campanhas, havia outras demandas fazendo-se cada vez mais urgentes, principalmente relacionadas à alta escassez de produtos e à baixa produção de alimentos. Ao passo que a mão-de-obra diminuía, a fabricação de mercadorias gradativamente transformava-se em um processo lento e limitado que ameaçava não suprir as necessidades de toda a população.

Ademais, na medida em que os ataques à entrega de suprimentos foram intensificados pelas potências como uma estratégia eficaz de enfraquecer seus inimigos, a situação tornou-se ainda mais extrema. Os abastecimentos de mantimentos e recursos fundamentais para garantir a sobrevivência das nações eram alvos prioritários a serem restringidos para alcançar a vitória (HOBSBAWM, 1995).

Nessas circunstâncias, a realidade da guerra revelou uma de suas faces mais trágicas e sombrias, quando a fome passa a ser perversamente encarada como um método de combate. Nesse sentido, em concordância com Márcia Motta (2011, p. 248), “a fome trazia a certeza de que a guerra não mais se limitava aos campos de batalha. Ela tornava-se presente no cotidiano de todas as pessoas e apresentava-se viva através da fome, como a forma cruel de uma técnica de massacre”.

Com isso, a insegurança alimentar fez-se uma preocupação geral, alcançando desde os militares nas linhas de frente até os civis na retaguarda. Nessa situação, um dos grupos sociais mais afetados eram as mulheres, junto com crianças e idosos. Estes, precisavam lidar todos os dias não somente com a fome, mas também com suas consequências mais severas, encarando a dor da morte e das doenças causadas por uma inanição prolongada. Enfrentar regularmente a lenta e dolorosa desnutrição transformou-se em uma situação rotineira que somava-se a outras carências da vida em disputa bélica, como os altos graus de miséria e inflação provocados por uma constante instabilidade nacional.

⁴ MOTTA, 2011, p. 248.

Em meio a esse contexto, estimular o apoio da população civil era uma das principais prioridades para amenizar esses efeitos. Logo, uma série de campanhas em prol da cooperação popular foram desenvolvidas, reafirmando o compromisso cidadão com as demandas do país. Entre essas propagandas, era comum haver discursos tratando da intensa escassez, ressaltando que o racionamento de alimentos era um custo necessário para o bem coletivo da nação. Com isso, era possível tratar dessa temática através de valores patrióticos, levando os receptores da mensagem a sensibilizarem-se e colaborarem com essas exigências (TUASCA, 2019).

Ao mesmo tempo, era preciso aumentar a produção de mantimentos para tentar aliviar as estatísticas dessa preocupante crise alimentar que agravava-se a cada dia. Nesse panorama, as mulheres foram convocadas para contribuírem com esses esforços, atuando em várias áreas do setor rural a fim de suprir essas demandas. Aqui, vale destacar que em regiões agrícolas o trabalho feminino sempre esteve presente, desempenhando grande participação em uma ampla gama de atividades. Contudo, no cenário beligerante, além das tarefas habituais, elas também tiveram que assumir funções tradicionalmente ocupadas pelos homens.

Frente a essa instável conjuntura, surgiram organizações femininas que voltavam-se ao recrutamento de mulheres para auxiliarem na produção rural e reabastecerem o país. Vejamos alguns exemplos de cartazes que ilustram esse objetivo:

Figura 6: *W.L.A.*

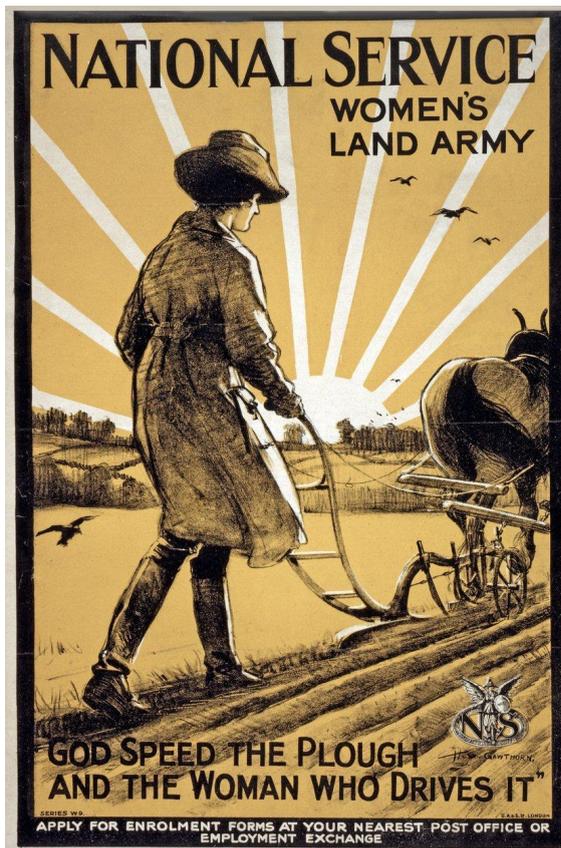


Figura 7: *W.L.A.A.*



Fonte: Gawthorn, Henry George.
Reino Unido, c. 1917.

Fonte: Paus, Herbert Andrew. EUA, c. 1918.

Na primeira figura, percebe-se o uso de poucas e contrastantes cores, onde toda a cena ambienta-se em um raiar solar. Nos elementos verbais, observa-se na parte superior do cartaz o título em letras maiúsculas: “*Exército Terrestre Feminino do Serviço Nacional*”. É provável que essa informação esteja em destaque para enfatizar ao destinatário que essa campanha faz parte da organização civil britânica *W.L.A.*, fundada no decorrer da Primeira Guerra Mundial, tinha como finalidade principal inserir o trabalho feminino na produção agrícola. Assim, essa instituição realizava apelos para que as mulheres de toda a nação se mobilizassem em prol do cultivo de alimentos e de outras demandas rurais.

Abaixo da ilustração, tem-se estampada a frase: “*Deus acelere o arado e a mulher que o dirige*”. Com essa expressão, faz-se possível perceber a intenção do enunciador em alcançar o público-alvo por meio de valores pertencentes a sua sociedade, acionando a religiosidade na tentativa de produzir uma identificação pessoal que convença esse coletivo a engajar-se com os objetivos nacionais. Conforme já mencionado anteriormente, essa é uma estratégia clássica utilizada pelas propagandas para persuadir o espectador através da sensação de pertencimento na mensagem transmitida (GINZBURG, 2014).

Por último, no plano inferior do anúncio, nota-se a orientação: “*Solicite os formulários de inscrição na agência postal ou bolsa de emprego mais próxima*”. O eventual intuito desse complemento é informar ao destinatário as possibilidades para ingressar ativamente nas ações, também, ressalta o caráter imediato do comunicado, indicando que o cadastro pode e deve ser efetivado de forma rápida e acessível a todas as jovens interessadas.

Nos elementos visuais, há em destaque a representação de uma “*Land Girl*”, esta, traja um modelo de jaleco alongado, botas altas e um típico chapéu de palha para proteger-se do sol que brilha radiantemente ao fundo. Conduzindo um arado puxado por um cavalo, o cenário ao seu redor retrata o ambiente rural no qual ela trabalha. As moças do “*Exército Terrestre*” eram encarregadas de realizar diversas funções, desde a plantação até a colheita, do cuidado com os animais à coleta de seus produtos, bem como garantir a manutenção geral da fazenda. Assim, elas assumiam todas as etapas da produção agrícola, trabalhando duro para alimentar o país e contribuir com a vitória nacional.

Na cena, o sol raiando pode simbolizar tanto a dedicação que esse serviço exige, uma vez que geralmente o trabalho rural se inicia até mesmo antes do dia nascer, quanto pode estar se referindo às esperanças depositadas nessas mulheres que aderiram a esse compromisso para ajudarem sua pátria.

Assim como no primeiro cartaz, a segunda figura possui na parte superior da imagem o título da organização responsável por produzir a campanha: “*Exército Terrestre Feminino da América*”. Notavelmente, esta entidade foi formada nos Estados Unidos inspirada nos moldes da experiência britânica estabelecida alguns anos antes. Dessa forma, o *W.L.A.A.* igualmente atuava na inserção da mão-de-obra feminina estadunidense em áreas agrícolas para substituir a força de trabalho rural constantemente reduzida devido a entrada do país na guerra.

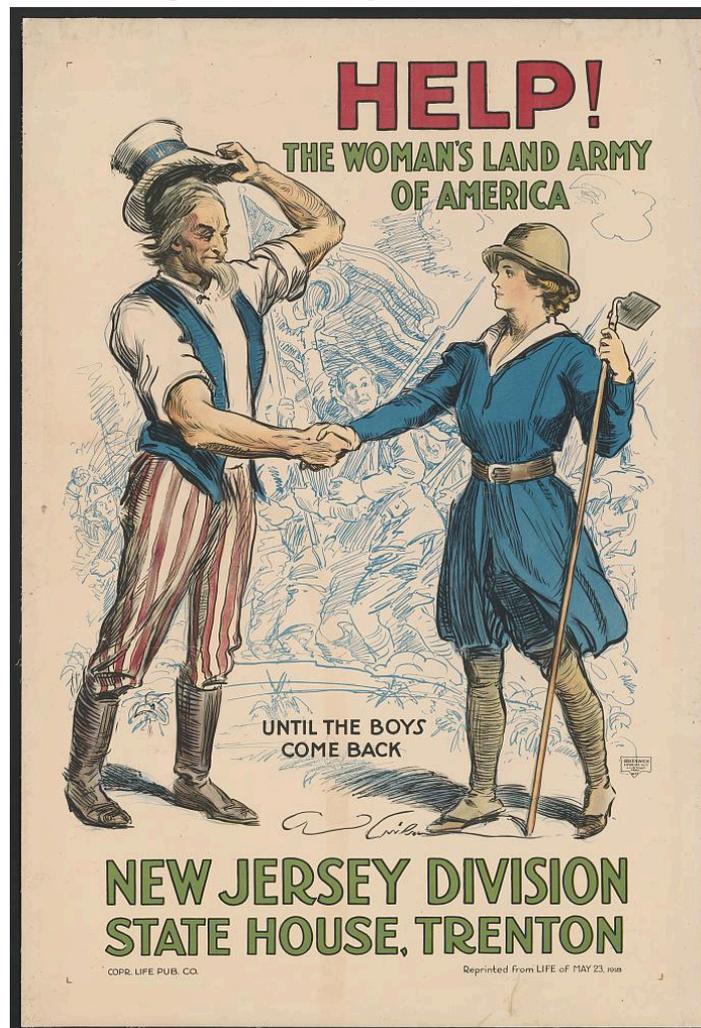
Ademais, há outra informação verbal presente no anúncio: “*Mulheres alistem-se agora e ajudem o fazendeiro a combater a fome alimentar*”. Através dessa orientação, o enunciador está claramente reafirmando as motivações nacionais e o compromisso cidadão de amenizar a crise e produzir comida para sanar a fome da população tanto civil quanto militar. Com isso, a probabilidade do público-alvo atender ao chamado torna-se ainda mais plausível, uma vez que o estímulo patriótico é intencionalmente acionado.

Falando nisso, um dos mecanismos visuais com maior destaque na imagem certamente é o símbolo patriótico por excelência: a bandeira nacional. Esta, ocupa boa parte da ilustração e é representada com grandeza, imponentemente balançando nas mãos da personagem central. Montada em um cavalo, essa figura apresenta características muito distintas das demais, além de vestir roupas com cores diferentes e empunhar o emblema da nação, ela dirige fixamente o olhar ao horizonte, transmitindo ao espectador a sensação de determinação e confiança. Aliás, com um olhar mais atento, é possível perceber ao fundo desenhado em amarelo a presença do que parece ser uma multidão de mulheres “*farmerettes*”. Nessa perspectiva, faz-se provável que essa protagonista esteja expressando a personificação de um símbolo de liderança, onde as outras estão seguindo seu glorioso exemplo.

Por fim, as duas personagens posicionadas na frente da composição igualmente trajam uniformes característicos ao trabalho agrícola, utilizando chapéus com abas volumosas, botas altas e longos casacos. Ambas carregam juntas uma cesta repleta de produtos, provavelmente recém colhidos na plantação sob seus pés. Além disso, percebe-se que cada uma delas segura objetos que fazem alegorias aos serviços rurais. Nessa cena, um dos aspectos que mais chama atenção são suas posturas corporais: parece-nos, afinal, que elas estão posando para uma foto onde demonstram orgulhosamente os frutos de seu trabalho. Partindo dessa perspectiva, esse momento na imagem produz uma narrativa que evoca a exaltação dos esforços femininos para a produção agrícola. Cabe dizer que, em geral, as “*farmerettes*” eram contratadas oficialmente e recebiam uma certa remuneração para prestar auxílio nas propriedades rurais. Portanto, após ingressar em uma das sedes de recrutamento espalhadas pelo país, era estabelecido um tipo de relação trabalhista entre as famílias e as mulheres do “Exército Terrestre” (SPRING, 2017).

Vejamos mais um cartaz para debater outras questões acerca dessa temática:

Figura 8: Até os garotos voltarem.



Fonte: Gibson, Charles Dana. EUA, c. 1918.

Neste, percebe-se ao centro duas figuras principais com grande destaque na ilustração. No lado esquerdo, uma representação do famoso “Tio Sam”, clássica personificação nacional estadunidense e um dos símbolos patrióticos mais conhecidos do mundo. Erguendo o chapéu de forma respeitosa, cumprimenta a personagem à direita que notavelmente está simbolizando as “*farmerettes*”. Ao fundo, o que parece ser uma tropa masculina, despedindo-se de maneira entusiasmada e dirigindo-se ao combate. Com esse gesto central, a campanha claramente está reafirmando o laço entre os interesses nacionais e a cooperação feminina no trabalho agrícola. Além disso, simboliza o compromisso e a cumplicidade entre pátria e cidadãos, depositando a confiança nacional sob a responsabilidade feminina. Nesse sentido, vincula os sentimentos de coletividade e valores ideológicos sob a intenção de manipular essas mulheres e convencê-las que a nação está apostando suas expectativas na ajuda delas.

Mas, o motivo principal para a escolha desse cartaz está na frase em preto posicionada pouco abaixo da imagem, a qual diz em tradução livre: “*Até que os garotos voltem*”. Levando em consideração o tom dessa informação, nota-se que ela deixa evidente o caráter temporário da proposta. Isso porque, com o fim do conflito, esperava-se que a sociedade retornasse à sua “normalidade”.

Conforme já mencionado, a mobilização da participação feminina era encarada como uma necessidade provisória imposta pelos tempos de crise. Sendo assim, após a conclusão da guerra, na maioria dos países, assistiu-se a um processo de regresso aos velhos hábitos. Nesse contexto, foram intensificados os discursos de restauração dos antigos papéis de gênero, onde as mulheres foram pressionadas a retornarem aos seus afazeres “biológicos” e devolverem os lugares masculinos na sociedade. Portanto, havia de fato uma intencionalidade perversamente superficial e datada embutida nas propagandas desse período (NEVES, 2015).

Ademais, frente ao término do cenário beligerante, iniciaram-se projetos nacionais que determinavam uma nova função para as mulheres: a mobilização dos ventres. Diante dos altos níveis de mortalidade contabilizados pela guerra, a alarmante queda demográfica provocou a obsessão por novos filhos da nação. Essa questão tornou-se vital para os governos, impondo o dever de parideiras às mulheres e perseguindo-as para cederem quaisquer autonomias pessoais conquistadas e cumprirem as obrigações estabelecidas pelo bem coletivo da nação. Tais ações comprovam a permanência da opressão de gênero profundamente impregnada no âmago dessa temporalidade (*Ibidem*). Sendo assim, em concordância com Michelle Perrot, “longe de serem instrumentos de emancipação, as guerras, profundamente conservadoras, recolocam cada sexo em seu lugar, reiterando as representações mais tradicionais da diferença dos sexos” (1998, p. 97).

Apesar disso, embora houvesse esse movimento de retrocesso, não foi suficientemente capaz de anular as vivências femininas experienciadas no perpassar dessa conjuntura. A saída para o espaço público, mesmo que em meio a um contexto emergencial, impactou diretamente o pensamento feminino diante dos novos protagonismos assumidos nesse período. Para várias mulheres, esse momento proporcionou a descoberta de potencialidades e independências antes impensáveis, constituindo uma verdadeira ruptura na cosmovisão acerca de si e do mundo em sua volta (NEVES, 2015). Após cessarem os ares nebulosos da Grande Guerra, cada vez mais mulheres passaram a experimentar novas liberdades e lutar por direitos. Assim, aos poucos o movimento feminino renovou-se durante esse intervalo de tempo, sendo uma das etapas mais significativas em meio ao complexo e ainda incessante caminho percorrido pelas mulheres em busca da igualdade e emancipação.

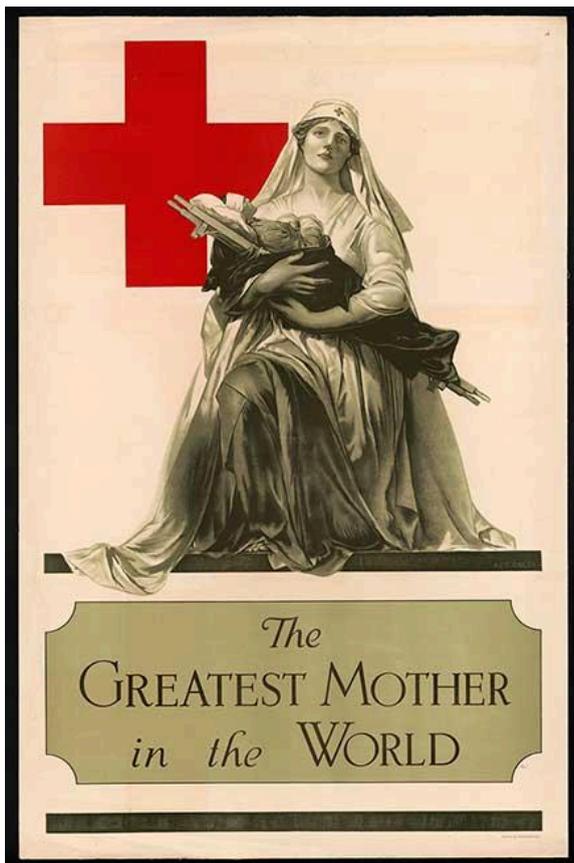
3.3. Mulheres e o serviço militar

“A guerra ‘feminina’ tem suas próprias cores, cheiros, sua iluminação e seu espaço sentimental. Suas próprias palavras. Nela, não há heróis nem façanhas incríveis, há apenas pessoas ocupadas com uma tarefa desumanamente humana”

Svetlana Aleksievitch, 2016, p. 12

Sem dúvidas, uma das maiores frentes de atuação feminina durante a Primeira Guerra Mundial foi na área da enfermagem. Ao longo desse ciclo, milhares de mulheres responderam aos chamados da nação, voluntariando-se para servirem seus países através do auxílio médico no *front*. Especialmente por meio da Cruz Vermelha, essas voluntárias realizaram trabalhos de assistência aos feridos, salvando incontáveis vidas. Discutiremos essa temática a partir de dois cartazes selecionados:

Figura 9: A maior mãe do mundo.



Fonte: Foringer, Alonzo Earl. EUA, c. 1917.

Figura 10: Seu país precisa de você.



Fonte: Rakeman, Carl. EUA, c. 1918.

Na primeira figura, há em destaque a representação de uma enfermeira que ampara em seus braços um soldado gravemente ferido. Segurando-o com profundo zelo, ela olha aos céus expressando um semblante de súplica, quase como se estivesse rezando. Mesmo com trajes da Cruz Vermelha, ela é caracterizada de forma dramática, lembrando a imagem de uma santa.

Tais aspectos visuais simbolizam a construção de um imaginário sacro relacionado ao grupo de enfermeiras que prestaram atendimento médico ao longo do conflito. Não por acaso, elas eram popularmente conhecidas como “*anjos brancos*”, uma denominação atribuída como homenagem tanto ao distinto uniforme quanto ao compromisso socorrista. Além disso, abaixo da ilustração percebe-se, em tradução nossa, a frase: “*A maior mãe do mundo*”.

Com essa informação verbal, a campanha está associando o cuidado clínico realizado pelas enfermeiras ao afeto materno, como mães amorosas que protegem a nação. Levando em consideração essa perspectiva, pode-se dizer que em suas entrelinhas essa composição tende a reafirmar um discurso que faz apologia direta aos papéis tradicionais de gênero. Assim, ainda que símbolos do heroísmo feminino, o exercício da enfermagem realizado pelas mulheres nas linhas de frente passou por um longo processo de descredibilização. Nesse sentido, de acordo com Helena Neves:

O corajoso trabalho das enfermeiras, o seu papel essencial na frente de batalha, que contribuiu decididamente para o desenvolvimento da profissão, não será valorizado como um saber, uma experiência adquirida e exercida em condições trágicas, mas fundamentalmente, como manifestação da natureza feminina (NEVES, 2015, p. 79).

Portanto, as simbologias acionadas pelo cartaz fazem alusões que idealizam a atuação feminina cumprida no coração do cenário bélico. A imagem apresenta uma representação que incorpora traços maternos e angelicais, perpetuando a definição de consolo e amparo próprias à suposta essência feminina (PERROT, 1998). Contudo, sabe-se que a realidade da assistência médica em meio à guerra não é uma tarefa nada encantadora, lidando com pacientes doentes, desmembrados, desfigurados, traumatizados e outras tantas consequências nocivas. Talvez por isso as cores da campanha são em tons escuros e neutros, correspondendo aos sentimentos de dor, preocupação e tristeza que essa cena transmite, bem como criando o destaque necessário à cruz em vermelho vivo.

Sendo assim, nas propagandas militares dessa época tornou-se comum transformar as enfermeiras em “*seres de luz*”, combinando mecanismos visuais e textuais a fim de atrelar o gênero dessas voluntárias a concepções de pureza, santidade e honra. Nesse sentido, atribuíam a elas valores ligados à moralidade e coletividade, buscando afirmar um discurso de renúncia a princípios individualistas que pudessem inibir seu senso de dever nacional. Ademais, como já mencionado, geralmente nessas campanhas eram desenvolvidas estratégias que vinculavam a atuação médica praticada pelas mulheres à extensão de seus papéis tradicionais, cuidando de maneira maternal dos filhos da nação (NEVES, 2015). Com isso, pretendiam sensibilizar esse público na tentativa de convencê-lo a participar das atividades filantrópicas propostas por essa associação humanitária.

Já na segunda figura, as características evidenciadas pela obra propõem outros ângulos de interpretação e mobilização. Na parte superior do cartaz, tem-se o título em letras grandes: “*Cinco mil até junho*”. Abaixo, o complemento: “*Enfermeiras graduadas, seu país precisa de você*”. Aqui, percebe-se a utilização do apelo nacionalista para engajar a atuação feminina na Cruz Vermelha. Além disso, no centro da imagem, há em destaque a ilustração de uma mulher caracterizada com o uniforme oficial da organização. Encarando diretamente o espectador, sua postura expressa um ar penetrante de seriedade e profissionalismo. Ao fundo, o que parece ser uma ampla instalação militar, com bandeiras dos EUA e da Cruz Vermelha hasteadas ao vento simbolizando a união entre essas duas entidades.

Dessa forma, percebe-se que o anúncio dirige-se ao público feminino a partir de outras abordagens, mas ainda assim possui a mesma intenção de recrutamento médico para as Forças Armadas. Todavia, diferentemente da primeira imagem analisada, nesta, não parece-nos haver conotações associando os desempenhos femininos na área da enfermagem com suas “aptidões naturais”. E, sim, o clássico chamado patriótico de reforço cívico-militar. Por último, uma das principais características técnicas repetidas em ambos cartazes é a coloração onde igualmente são aplicados tons neutros para propositalmente focar o olhar dos destinatários aos pontos em vermelho na ambientação.

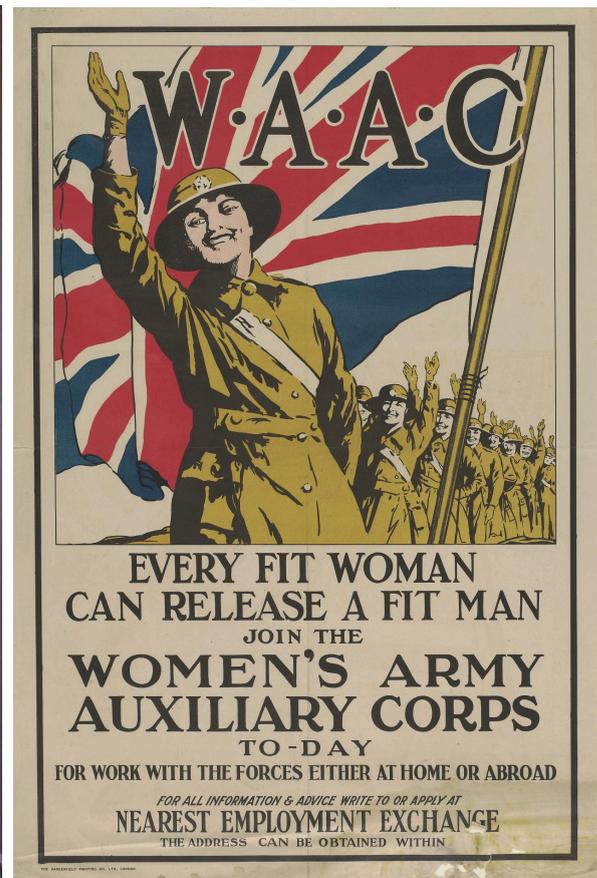
Não obstante, as mulheres também foram convocadas para atuarem em diversas outras funções nas linhas de frente. Embora enfrentando resistências, elas inseriram-se em diferentes cargos nos exércitos, contribuindo através de seus próprios alcances aos esforços pela vitória. Ainda através da Cruz Vermelha, elas poderiam ingressar em outras iniciativas compostas por mulheres como o “*American Red Cross Motor Corps*”, onde prestavam ajuda no transporte de suprimentos, tropas, feridos, etc.

Além disso, ao longo da Primeira Guerra Mundial as mulheres também trabalharam na rede de serviços secretos, dedicando-se principalmente a arriscadas operações de espionagem. Nesse contexto, elas abrigavam soldados, infiltravam-se colhendo e repassando informações, auxiliavam em fugas, agiam como correspondentes, enfim, comprometiam suas vidas em prol da nação. Assim, mesmo pouco reconhecido, seu papel foi parte essencial de várias táticas de combate (PACHECO, 2022).

Na Grã Bretanha, por exemplo, elas participaram de corporações criadas no desenrolar do conflito como a *Força Aérea Real Feminina*, o *Serviço Naval Feminino* e o *Corpo Auxiliar do Exército Feminino*, também chamado como “*Corpo Auxiliar do Exército da Rainha Mary*” (SOARES, 2022). Nesse sentido, vejamos alguns exemplos de campanhas veiculadas por tais iniciativas durante a Grande Guerra:

Figura 11: *Q.M.A.A.C.*

Fonte: IWM. Reino Unido, 1914-1918.

Figura 12: *W.A.A.C.*

Fonte: The Dangerfield Printing Co. Reino Unido, 1914-1918.

Na primeira figura, percebe-se o nome da entidade na parte superior do cartaz e abaixo da ilustração a convocação: “*Inscreeva-se hoje*”. Junto a isso, as orientações para o alistamento “*Detalhes completos e formulários de inscrição na bolsa de emprego mais próxima. Pergunte o endereço nos correios*”. Neste comunicado, repara-se que o ponto principal de destaque está localizado no centro da composição, onde é realizado o jogo de convencimento do destinatador ao destinatário.

Ali, há em primeiro plano a representação de uma mulher integrante do *Q.M.A.A.C.*, com uniforme característico dessa corporação. Em geral, elas costumavam usar trajes de tons militarizados em cores amarronzadas ou esverdeadas. Com um sorriso carismático, ela aponta o dedo indicador para o espectador, conversando diretamente com quem a observa. Ao fundo, uma fileira de outras membras, com o mesmo semblante sorridente. Próximo delas, a frase: “*Estamos procurando por você, junte-se ao nosso grupo!*”. Tanto o realce na palavra “*você*” quanto o gesto na mão da personagem em evidência são mecanismos estratégicos de atração e reforço nas mensagens publicitárias, fornecendo ao anúncio cargas maiores de expressividade

e persuasão (GINZBURG, 2014). Parecem, afinal, produzir expectativas na destinatária, bem como convencê-la de que a estão esperando, depositando nela o comprometimento nacional.

Na segunda figura, a parte superior do cartaz é dedicada à ilustração, que também traz uma tropa de mulheres da *W.A.A.C.* acenando alegremente ao público, como se estivessem em meio a um desfile militar cumprimentando a audiência. Ademais, a bandeira do Reino Unido está em grande destaque na imagem, realizando a associação patriótica necessária. Abaixo, o slogan: “*Toda mulher em forma pode liberar um homem em forma*”. Seguido da convocação: “*Junte-se ao Corpo Auxiliar do Exército Feminino hoje*”. E do adendo: “*Para trabalhar com as forças no país ou no exterior*”. Após, a sequência de dados para alistamentos praticamente iguais ao enunciado anterior.

Neste, é possível identificar aspectos que revelam informações acerca da organização desses grupos. Geralmente, nestas corporações as mulheres eram recrutadas para executarem posições de suporte nos exércitos, “liberando” os homens para lutarem no *front*. Sendo assim, elas realizavam tarefas administrativas, relacionadas ao escritório, à alimentação e até mesmo à área da mecânica. Prestavam, portanto, serviços de retaguarda que eram essenciais para um bom desempenho em campo. Esporadicamente, estavam todas sujeitas a serem enviadas para as linhas de frente (SOARES, 2022).

Além dessa divisão, elas também ingressavam em outros setores das Forças Armadas:

Figura 13: “Serviço patriótico para mulheres britânicas”.



Figura 14: Força Aérea Real Feminina.



Fonte: Dangerfield Printing Co. Grã Bretanha,
1914-1918.

Fonte: Dangerfield Printing Co. Reino Unido,
c. 1918.

Na primeira imagem temos um grande quadro delimitado abaixo da ilustração que traz todas as informações textuais do cartaz. Primeiro, a frase: “*Serviço Patriótico Para Mulheres Britânicas*”. Adiante, destacado em vermelho, “*Mulheres procuradas com urgência*”. Então, a orientação para as interessadas: “*Inscreeva-se durante a guerra no Corpo Auxiliar do Exército Feminino e no Serviço Naval Feminino*”. No plano inferior, instruções para os alistamentos já descritas em campanhas anteriores.

Aqui, o que chama a atenção são os mecanismos visuais acionados acima do anúncio. Na gravura, a mulher da esquerda representa as integrantes da *W.A.A.C.*, enquanto a da direita veste o uniforme da *W.R.N.S.*, com roupas em tom azulado. Ao centro, a nação é representada por ninguém mais ninguém menos que *Britânia*, a personificação feminina da Grã-Bretanha e um dos símbolos patrióticos mais célebres do mundo, tendo inclusive inspirado outras figuras semelhantes na simbologia de várias populações.

Apoiando suas mãos nos ombros das personagens, ela veste trajes romanos e possui na cabeça o clássico capacete de centurião. Sua postura é de apoio, como uma aura de força que paira sob os ombros dessas voluntárias. Tais aspectos simbolizam a aliança entre pátria e suas cidadãs, onde a alegoria incorpora os interesses nacionais que o cartaz procura expressar para seus espectadores. Assim, são acionadas ideologias ligadas ao patriotismo, a responsabilidade, a lealdade, enfim, concepções que sensibilizam, convencem e estimulam esses públicos-alvos a contribuírem com a causa nacional.

Por fim, na segunda imagem, o chamado está no canto superior direito: “*Mulheres! A Força Aérea Real precisa da sua ajuda!*”. Abaixo, dentro da insígnia roundel, diz-se: “*Sirva seu país juntando-se ao W.R.A.F.*”. Junto ao complemento: “*Há trabalho para toda mulher em forma*” e os dados de como solicitar a inscrição. Na ilustração, tem-se em destaque a figura de uma oficial da Força Aérea, prestando continência e sorrindo ao espectador. Atrás de si, o que parece ser uma base aérea militar, com aviões biplanos e outros membros da corporação. Ao fundo esquerdo, hasteada em um alto mastro, uma das formas da bandeira britânica conhecida como “*Red Ensign*” (IMPERIAL, s.d.).

Nesse cartaz há um conjunto de mecanismos visuais que passam ao espectador a ideia de integração e harmonia, como se a mulher estivesse em um cenário absolutamente tranquilo de treinamento e não em meio a uma guerra onde apresentam-se tensões e agitações por todos os lados. Também, sua saudação dirige-se ao observador da mensagem, sugerindo que ela está às “suas” ordens em paralelo às da nação.

Enquanto isso, nos EUA, esse processo igualmente manifestou-se de forma intensa e o país passou a convocar a participação feminina no chamado “Serviço Nacional Feminino”, na marinha estadunidense ou na associação “*The Salvation Army*”, que também atuava no auxílio das demandas do *front*. Além disso, uma das maiores e mais importantes linhas de cooperação feminina militar durante a Grande Guerra foi na área da telefonia. O “Corpo de Sinalização do Exército dos EUA”, por exemplo, reuniu um grupo notável de mulheres operadoras conhecido popularmente como “*Hello Girls*”. Elas serviram tanto na retaguarda em centrais de comando quanto nas frentes de batalha, como a equipe liderada por Grace Banker (NATIONAL, 2018).

Percebe-se, afinal, que elas ocuparam diversas funções indispensáveis nos exércitos ao longo do conflito, contudo, pouca dessa contribuição foi devidamente reconhecida. Ademais, as Forças Armadas não deixaram de ser espaços predominantemente masculinizados, onde as mulheres geralmente acabavam vivenciando critérios desiguais. Inclusive, haviam cargos nos quais elas nem eram aceitas, mesmo podendo exercer as tarefas de forma magistral.

Como o caso da piloto Ruth Law, exímia aviadora, teve sua inscrição negada para voar em combate, ainda assim, realizou operações pela sua nação. Além disso, escreveu em jornais e lutou para que as mulheres fossem aceitas igualitariamente nos exércitos (*Ibidem*). Logo, é notável que muitas das inserções femininas em ambientes militares foram fruto da insistência e mobilização dessas mulheres para alcançar tais espaços. Sobretudo, da resistência delas em meio a esse ambiente onde estavam sujeitas não somente a opressão e perseguição de gênero, mas também a outros tipos de violência (SOARES, 2022).

Quando a Primeira Guerra Mundial chegou ao seu fim, embora essas mulheres tenham prontamente respondido aos diferentes chamados da pátria, a maioria delas não usufruiu dos mesmos *status* dedicados aos homens. Pelo contrário, muitas sofreram descredibilização e até desaprovção, não sendo recompensadas nem moralmente nem economicamente pela carreira militar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história, sobretudo da guerra, costuma ser contada sob o ponto de vista masculino e a partir de uma memória dita oficial (Aleksiévitch, 2016). Nesse sentido, a autora ressalta que a construção e consolidação da maioria das narrativas históricas está profundamente atrelada a processos que envolvem disputas e relações de poder. Michelle Perrot, também tratando dessa temática com grande propriedade, destacou: “No teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra” (2019, p. 22).

Levando em consideração esse extenso cenário de silenciamento das vozes femininas, a presente pesquisa dedicou-se a abordar essas experiências que são completamente múltiplas e ao mesmo tempo tão próprias, um verdadeiro universo de vivências desconsiderado frente a carregada sombra de um enredo oficial. Sendo assim, ao longo deste estudo buscou-se trazer à tona um pouco das perspectivas femininas inseridas nesse espaço-tempo, tratando da presença e do protagonismo das mulheres ao longo dessa temporalidade.

Com isso, foi possível perceber a atuação feminina em várias frentes durante a Grande Guerra, constatando a participação ativa dessas mulheres nos esforços cívico-militares de suas nações. Inclusive, elas desempenharam importantes e indispensáveis papéis no decorrer desse contexto, tendo significativo envolvimento nos caminhos para a vitória. Também, concluiu-se que em meio a essa conjuntura as mulheres experienciaram várias novas realidades, sendo um momento de expressivas transformações.

Além disso, verificou-se que os cartazes publicitários foram instrumentos amplamente utilizados para perpetuar ideologias políticas e convocar o público feminino de acordo com os diferentes interesses nacionais. Ao analisá-los, percebeu-se que tais itens iconográficos de fato carregam intenções acionando simbologias e valores culturais para estimular e convencer seus espectadores. Ademais, são ferramentas de divulgação que transmitem discursos por meio de estratégias apelativas de persuasão.

Por fim, cabe destacar que as reflexões aqui propostas ficam à disposição para outras considerações, tendo em vista que as discussões desenvolvidas nesta monografia não possuem a pretensão de serem esgotadas de forma categórica. Entende-se, portanto, que esse espaço é limitado e simplesmente inicial, estando aberto a novas interpretações.

REFERÊNCIAS

- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (Coord.). **História da vida privada: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, v. 4, 1991.
- BORTULUCCE, Vanessa Beatriz. O uso do cartaz como propaganda de guerra na Europa (1914-1918). **Journal**, vol. 4, 2010. Pp. 319-333. Disponível em: <https://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/345/365>. Acesso em: 04 mar. 2024.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. São Paulo: EDUSC, 2005.
- BURIGANA, Riccardo. A Grande Guerra: a Primeira Guerra Mundial (1914-2014), Evento e Memória. **História Unicap**, v. 1, n. 1, p. 41–55, 2014. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/historia/article/view/435>. Acesso em: 26 out. 2023.
- DECCA, Edgar Salvadori de. **O colonialismo como a glória do Império**. In: REIS FILHO, Daniel Aarão, FERREIRA, Jorge, ZENHA, Celeste (org.). O século XX: O tempo das certezas. Da formação do capitalismo à Primeira Guerra Mundial. Volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. Pp. 151-181.
- GINZBURG, Carlo. **Medo, reverência, terror: Quatro ensaios de iconografia política**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- GONZAGA, Juliane de Araujo. We can do it!: Discursos sobre a força da mulher nas movências da história. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 21, n.1, 2021. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/8657. Acesso em: 20 jun. 2024.
- HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX : 1914-1991**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOBBSAWM, Eric. **Era dos impérios**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 598 p.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. 11. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2017.
- IGNOTOFSKY, Raquel. **As cientistas: 50 mulheres que mudaram o mundo**. São Paulo: Blucher, 2017.
- IMPERIAL WAR MUSEUMS. **Women! The Royal Air Force Needs Your Help!**. Online Collections, [s.d.]. Disponível em: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/31372>. Acesso em: 16 jun. 2024.
- LIBRARY OF CONGRESS. **Wake up America!**. Division Prints and Photographs, 2016. Disponível em: <https://www.loc.gov/resource/ppmsca.40985/>. Acesso em: 10 jun. 2024.
- LONDON, JACK. **O povo do abismo: fome e miséria no coração do império britânico**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2020.
- MARQUES, Adhemar Martins; BERUTTI, Flávio Costa; FARIA, Ricardo de Moura. **História contemporânea através de textos**. 12. ed. São Paulo: Contexto, v. 5, 2011.
- MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes. **Resistências ao capitalismo: plebeus, operários e mulheres**. In: REIS FILHO, Daniel Aarão, FERREIRA, Jorge, ZENHA, Celeste (org.). O século XX: O tempo das certezas. Da formação do capitalismo à Primeira Guerra Mundial. Volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. Pp. 183-210.
- MELO, Victor Andrade de; PERES, Fabio de Faria. Lazer, Esporte e Cultura Urbana na Transição dos Séculos XIX e XX: Conexões entre Paris e Rio de Janeiro. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, 2005. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/15302/11588>. Acesso em: 10 jul. 2022.

- MOTTA, Márcia Maria Menendes. **A Primeira Grande Guerra**. In: REIS FILHO, Daniel; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste. *O Século XX: o tempo das certezas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- NATIONAL WOMEN'S HISTORY MUSEUM. **Timeline: World War I**, 2018. Disponível em: <https://www.womenshistory.org/exhibits/timeline-world-war-i>. Acesso em: 22 jun. 2024.
- NEVES, Helena. Mulheres na Primeira Guerra Mundial: Mudanças e Permanências. **ResPublica**, n. 14, p. 69-113, 2015. Disponível em: <https://recil.ulusofona.pt/items/1f7e206f-4e56-48a9-8b01-fddf89a75268>. Acesso em: 18 jun. 2024.
- PACHECO, Thiago. Mulheres, espionagem e serviço secreto: uma análise prosopográfica nas duas guerras mundiais. **Revista da Escola Superior de Guerra**, v.37, n.79, p. 75-99, 2022. Disponível em: <https://revista.esg.br/index.php/revistadaesg/article/view/1234>. Acesso em: 16 out. 2023.
- PEDRO, Joana Maria; SOIHET, Rachel. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, no 54, p. 281-300, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/QQh4kZdCDdnQZjv6rqJdWCc/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2023.
- PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- PORTLAND ART MUSEUM. **For Every Fighter a Woman Worker**. Online Collections, 2014. Disponível em: <http://portlandartmuseum.us/mwebcgi/mweb.exe?request=record;id=68308;type=101>. Acesso em: 10 jun. 2024.
- ROCHA, Diana. et al. Declaração dos direitos da mulher e da cidadã, de Olympe de Gouges. **LUME**, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/218052>. Acesso em: 12 fev. 2024.
- SILVA, Gustavo Rocha. et al. Defesa Química: histórico, classificação dos agentes de guerra e ação dos neurotóxicos. **Química Nova**, vol. 35, n. 10, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/qn/a/H9JXbsRj9fGznjW9PHbZP6G/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 mar. 2024.
- SILVA, Luiza Tonon da. Classe e trabalho no feminino: um olhar sobre a história das mulheres trabalhadoras. **Revista Outubro**, n.31, 2018. Disponível em: http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2019/01/06_Luiza-Silva.pdf. Acesso em: 11 fev. 2024.
- SOARES, Mariana Moreira da Costa. Mulheres em Guerra: A luta pela igualdade de gênero nas forças armadas americanas. **Portal de Trabalhos Acadêmicos**, v. 6, n. 2, 2022. Disponível em: <http://54.94.8.198/index.php/academico/article/view/2041>. Acesso em: 11 jun. 2024.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e Urbanização**. São Paulo: Contexto, 1988.
- SPRING, Kelly A. **Women's Land Army of World War I**. National Women's History Museum, 2017. Disponível em: <https://www.womenshistory.org/resources/general/womens-land-army-world-war-i>. Acesso em: 10 jun. 2024.
- TEIXEIRA, Débora Pires; SILVA, Sara Raquel Andrade. A moda em tempos de guerra: da saia sino à androginia. **Achiote**, v. 6, n.1, 2018. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/achiote/article/view/6163>. Acesso em: 19 jun. 2024.
- TUASCA, Maisa dos Santos. **A representação feminina nos cartazes de propaganda política veiculados durante a primeira e segunda guerra mundial**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019. Disponível em: <http://dspace.mackenzie.br/handle/10899/25530>. Acesso em: 04 mar. 2024.
- ZANIBONI, Juliana. O IMPACTO DOS MOVIMENTOS SUFRAGISTAS NO REINO UNIDO E NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. **O Cosmopolítico**, v. 5, n. 2, p. 18-31, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ocosmopolitico/article/view/53826>. Acesso em: 12 fev. 2024.

FONTES

Baden-Powell, Robert Stephenson Smyth. **Você está nessa?**. Reino Unido, 1915. 1 cartaz. Disponível em: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/1202>. Acesso em: 10 out. 2023.

Baker, Ernest Hamlin. **Segunda linha de defesa**: Apoie nossa segunda linha de defesa. EUA, 1918. 1 cartaz. Disponível em: <https://www.loc.gov/item/98507935/>. Acesso em: 9 out. 2023.

Dangerfield Printing Co. Ltd. **Força Aérea Real Feminina**. Reino Unido, 1918. 1 cartaz. Disponível em: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/31372>. Acesso em: 6 out. 2023.

Dangerfield Printing Co. Ltd. **Serviço patriótico para mulheres britânicas**. Grã Bretanha, 1914-1918. 1 cartaz. Disponível em: <https://www.si.edu/object/archives/components/sova-nmah-ac-0433-ref6487>. Acesso em: 11 out. 2023.

Flagg, James Montgomery. **Acorde, América!**. EUA, NY., 1917. 1 cartaz. Disponível em: <https://www.loc.gov/resource/ppmsca.40985/>. Acesso em: 9 out. 2023.

Foringer, Alonzo Earl. **A maior mãe do mundo**. EUA, c. 1917. 1 cartaz. Disponível em: <https://www.loc.gov/item/2001700434/>. Acesso em: 6 out. 2023.

Gawthorn, Henry George. **W.L.A.** Reino Unido, 1917. 1 cartaz. Disponível em: <https://loc.gov/item/2003675370/>. Acesso em: 10 out. 2023.

Gibson, Charles Dana. **Até os garotos voltarem**. EUA, c. 1918. 1 cartaz. Disponível em: <https://www.loc.gov/item/2002712339/>. Acesso em: 10 jul. 2024.

IWM. **Q.M.A.A.C.** Reino Unido, 1914-1918. 1 cartaz. Disponível em: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/28938>. Acesso em: 10 out. 2023.

Paus, Herbert Andrew. **W.L.A.A.** EUA, c. 1918. 1 cartaz. Disponível em: https://sova.si.edu/details/NMAH.AC.0433?s=0&n=10&t=C&q=*&i=0#ref8895. Acesso em: 14 out. 2023.

Rakeman, Carl. **Seu país precisa de você**. EUA, c. 1918. 1 cartaz. Disponível em: <https://www.loc.gov/item/93502260/>. Acesso em: 6 out. 2023.

Scott, Septimus E. **Aprenda a fazer munições**. Reino Unido, 1916. 1 cartaz. Disponível em: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/24058>. Acesso em: 5 out. 2023.

The Dangerfield Printing Co. Ltd. **W.A.A.C.** Reino Unido, 1914-1918. 1 cartaz. Disponível em: https://sova.si.edu/details/NMAH.AC.0433?s=0&n=10&t=C&q=*&i=0#ref6676. Acesso em: 6 out. 2023.

Treidler, Adolf. **Y.W.C.A.** EUA, 1918. 1 cartaz. Disponível em: <http://portlandartmuseum.us/mwebcgi/mweb.exe?request=record;id=68308;type=101>. Acesso em: 11 out. 2023.